



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**INSTITUTO DE LETRAS**  
**DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO**  
**CURSO DE LETRAS-TRADUÇÃO INGLÊS**

**TRADUÇÃO DE *NURSERY RHYMES* NO CONTEXTO DA OBRA  
*THE LIBRARIANS AND THE MOTHER GOOSE CHASE*, DE GREG COX**

**ALESSANDRA MARIN DA SILVA**

**Brasília-DF**

**2023**

**ALESSANDRA MARIN DA SILVA**

**TRADUÇÃO DE *NURSERY RHYMES* NO CONTEXTO DA OBRA  
*THE LIBRARIANS AND THE MOTHER GOOSE CHASE*, DE GREG COX**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras-Tradução Inglês da Universidade de Brasília como quesito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Letras Tradução Inglês.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Alessandra Ramos de Oliveira Harden

Coorientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Alessandra Matias Querido

## RESUMO

*Nursery rhymes* são elementos culturais muito fortes em países falantes de língua inglesa. No livro *The Librarians and the Mother Goose Chase*, de Greg Cox (2017), as *nursery rhymes* de Mother Goose ganham vida e acontecem como são contadas. O objetivo deste trabalho é traduzir essas parlendas de forma a priorizar o conteúdo semântico com base nos acontecimentos do livro. Como base teórica, o trabalho foi fundamentado em tradução de poesia, com foco em estratégias propostas por Paulo Henriques Britto (2006) e Mário Laranjeira (2012), para auxílio estrutural; tradução cultural, já que as *nursery rhymes* trazem em si forte carga cultural que deve ser considerada; e tradução de nomes próprios, para guiar a escolha de traduções adequadas para os nomes, elementos muito presentes nas parlendas. Com isso, esperamos ter contribuído com traduções de *nursery rhymes* adequadas ao contexto do livro trabalhado.

**Palavras-chave:** *Nursery rhymes*. Mother Goose. Tradução de poesia. Cultura. Nomes próprios. Estudos da tradução.

## ABSTRACT

Nursery rhymes are strong cultural elements in English-speaking countries. In the novel *The Librarians and the Mother Goose Chase*, by Greg Cox (2017) some of Mother Goose's nursery rhymes come to life and happen as they are told. The objective of this study is to translate these rhymes in order to prioritize the semantic content, based on the events of the book. This paper was based on theories about poetry translation, focusing on translation strategies proposed by Paulo Henriques Britto (2006) and Mário Laranjeira (2012); cultural translation, as nursery rhymes carry a strong cultural charge that must be considered; and translation of proper names, for guidance on how to translate such strong elements in nursery rhymes. We hope to have been able to contribute with translations of nursery rhymes that are adequate to the context of the book.

**Key words:** Nursery rhymes. Mother Goose. Poetry translation. Culture. Proper names. Translation studies.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	1
<b>1- SOBRE <i>NURSERY RHYMES</i></b> .....	4
<b>2- CORPO TEÓRICO</b> .....	8
2.1 Tradução de Poesia.....	8
2.2 Tradução e cultura.....	10
2.2.1 Tradução de nomes próprios.....	13
<b>3- RELATÓRIO</b> .....	15
3.1 <i>Nursery rhymes</i> que “ganham vida”.....	19
3.1.1 Three Blind Mice.....	19
3.1.2 Peter, Peter, Pumpkin Eater.....	20
3.1.3 Rock-a-Bye Baby.....	21
3.1.4 Humpty Dumpty.....	22
3.1.5 The Lion and the Unicorn.....	22
3.1.6 Sing a Song of Sixpence.....	23
3.7 Jack Be Nimble.....	25
3.2 <i>Nursery rhymes</i> usadas como inspiração.....	25
3.2.1 Simple Simon.....	25
3.2.2 Jack and Jill.....	26
3.2.3 There Was a Crooked Man.....	28
3.2.4 Hickory, Dickory, Dock.....	28
3.3 <i>Nursery rhymes</i> mencionadas.....	29
3.3.1 There Was an Old Lady.....	29
3.3.2 Little Bo-Peep.....	30
3.3.3 Wee Willie Winkie.....	31
3.3.4 Three Little Kittens.....	32
3.3.5 Three Wise Men of Gotham.....	34
3.3.6 Hey, Diddle, Diddle.....	34
3.3.7 There Was and Old Woman Lived Under a Hill.....	35
3.3.8 Georgie Porgie.....	36
3.3.9 I Do Not Like Thee, Doctor Fell.....	37

3.3.10 Little Miss Muffet.....	37
3.3.11 Little Boy Blue.....	38
3.3.12 Little Jack Horner.....	39
3.3.13 Tweedledum and Tweedledee.....	40
3.3.14 The Queen of Hearts.....	41
3.3.15 Mary Had a Little Lamb.....	42
3.3.16 Tom, Tom, The Piper's Son.....	43
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>44</b>
<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>45</b>

## INTRODUÇÃO

A cultura infantil de língua inglesa tem como um forte elemento as parlendas de Mother Goose. Essas parlendas são uma expressão cultural muito forte nesses países, já entranhados na cultura e no imaginário dos falantes da língua. Em *The Librarians and the Mother Goose Chase*, essas parlendas embalam a história que se desenrola em torno do tradicional livro infantil da Mother Goose que as faz ganhar vida e motivam as decisões de personagens ao longo da trama.

*The Librarians and the Mother Goose Chase*, de Greg Cox, publicado pela editora Tor Books em 2017, é o segundo volume de uma trilogia inspirada na série de televisão *The Librarians*. Na série, a Biblioteca é um lugar mágico que guarda livros e artefatos místicos e os mantém em segurança. Os personagens principais, Cassandra Cillian, Jacob Stone e Ezekiel Jones, são os Bibliotecários, que cuidam da Biblioteca e dos artefatos e mantêm a magia do mundo em ordem, e Eve Baird é a sua Guardiã, aquela que os protege de inimigos e ameaças mágicas. No livro, os Bibliotecários e sua Guardiã investigam uma série de acontecimentos estranhos que se passam após algumas parlendas de Mother Goose ganharem vida. Eles descobrem que o livro clássico de Mother Goose foi enfeitiçado e a personificação da figura está à solta, utilizando suas parlendas por meio da magia para destruir o mundo. Apresentamos um resumo mais detalhado da obra no relatório, na página 15, para maior contextualização.

O autor, Greg Cox, é um escritor de ficção científica que nasceu em 1959 nos Estados Unidos. É conhecido por ter escrito adaptações e livros baseados em diversos filmes e séries de televisão, como *Homem de Aço*, *Godzilla*, *Buffy*, *a Caça-Vampiros*, *Arquivo X* e a franquia *Jornada nas Estrelas*. Foi vencedor por três vezes do Scribe Awards, prêmio que celebra autores e mídias *tie-in* (baseadas em mídias já existentes), e seu nome já esteve várias vezes presente na lista de mais vendidos do *New York Times*. Ele também é o autor dos dois outros livros baseados na série, *The Librarians and the Lost Lamp* e *The Librarians and the Pot of Gold*. Cox também trabalha como editor da Tor Books.

Tendo a obra em mente, este trabalho consiste em traduzir as parlendas de Mother Goose presentes no livro de modo que se assemelhem em forma e função a essas *nursery rhymes* e que, principalmente, ainda contenham o mesmo significado narrativo explicitado originalmente, já que essas “histórias” contadas pelos poemas são de suma importância para o desenvolvimento da obra. Essas traduções são embasadas em conceitos teóricos de tradução de poesia, tradução cultural e tradução de nomes próprios.

Em primeiro lugar, discutimos sobre *nursery rhymes*: o que são, seu significado cultural e suas origens. Começamos por defini-las como pequenos versos ou canções voltados para crianças. No entanto, resgatamos Opie e Opie (1952) para afirmar que inicialmente os pequenos não eram o público alvo das *nursery rhymes*, pois eles eram tidos como adultos em miniatura.

As parlendas costumavam carregar sentidos obscuros que não eram adequados aos ouvidos infantis, mas, na era vitoriana, os Puritanos “aliviaram” os temas mais pesados delas. Assim, e também com a nova visão das crianças que se começou a ter na época, as *nursery rhymes* eram aprendidas na escola e utilizadas na alfabetização. Também nesse período, foram escritas muitas parlendas com temática política, como forma de protesto e denúncias, cujas possíveis origens são também apresentadas (COKER, 1992).

A seguir, falamos sobre Mother Goose. Nos dias de hoje, as *nursery rhymes* são associadas a essa personagem, cujo nome tem sua primeira aparição na França, em um livro de contos de fadas escrito por Charles Perrault. Quase um século depois, o nome é utilizado por Thomas Carnan para a publicação de uma compilação ilustrada de *nursery rhymes*, que logo depois foi lançada nos Estados Unidos. Foi neste país, também, que surgiu uma versão da origem de Mother Goose que afirma que a personagem é baseada em Elizabeth Goose, uma viúva que se casou novamente e entretinha seus filhos e enteados com rimas divertidas, que foram posteriormente publicadas pelo seu marido (ALCHIN, 2013).

Então, são apresentadas as ideias de Paulo Henriques Britto (2006) e Mário Laranjeira (2012) sobre como traduzir poesia. De Britto, é resgatado um esquema para considerar um poema como tradução de outro, em que se aponta que cada texto deve ter características identificadores de um poema em sua própria língua, e que os falantes das duas línguas devem ser capazes de julgar ambos poemas como análogos. Em seguida, são apresentados os conceitos de correspondência formal e funcional, que representam estratégias a serem usadas para a tradução, dependendo do que for tido como o fator mais importante. Para definir o que levar em conta nesse processo e como realizar a tradução, Britto elabora três etapas, que envolvem a identificação das características marcantes da poesia e da prioridade de cada uma e a maneira de reproduzi-las no texto de chegada.

Já de Laranjeira, é recuperada a ideia de que a parte mais importante de um poema é a sua forma, sendo destacadas quatro marcas textuais para serem consideradas para traduzir um poema: a agramaticalidade, o signo duplo, os interpretantes textuais e a legibilidade.

Em seguida, quanto à tradução cultural, primeiramente são apresentados conceitos da palavra “cultura” retirados de diferentes fontes, que definem a cultura como, basicamente, um



conjunto de crenças, costumes, normas sociais etc. seguidos por um certo grupo social que regem a vida dos indivíduos que o compõem. Entre discussões acerca da língua ser ou não parte de uma cultura, é indiscutível o fato de que elas estão intrinsecamente ligadas. Portanto, a tradução de uma língua para outra deve levar em conta as culturas de partida e de chegada, o que gera dificuldades no processo. Para lidar com esses obstáculos, o tradutor deve avaliar o texto e seu contexto e optar por uma estratégia que mantenha as marcas culturais, aproximando a cultura estrangeira do leitor, ou por uma maneira de traduzir que adapte as referências para a própria cultura do leitor, causando certo apagamento da cultura de partida.

Dentro desse contexto de tradução cultural, é apresentada discussão sobre a tradução de nomes próprios. Há certa divergência entre os teóricos sobre se um nome próprio tem significado ou não, mas, segundo Nord (2003), em toda obra fictícia há a assunção de que há uma intenção por trás da escolha de certo nome para certo personagem. Para a tradução, isso significa que é necessária uma análise do contexto da obra, do nome e do seu referente, para que assim se possa decidir a melhor estratégia a ser utilizada, entre as opções formuladas por Hermans (1988): transferência, adaptação, substituição ou tradução.

A escolha do tema e dos objetivos do trabalho foi feita por razões pessoais, inicialmente por ser o seriado do qual deriva o livro um dos favoritos da autora. Além disso, a temática do livro nos despertou bastante interesse, pela utilização de elementos culturais tão fortes para a criação de uma história nesse contexto tão familiar para a autora, o que trouxe vários questionamentos acerca de suas origens e sua posição na cultura de países de língua inglesa.

## CAPÍTULO 1 – SOBRE NURSERY RHYMES

*Nursery rhymes* são definidas pela *Oxford Bibliographies* e pela *Encyclopaedia Britannica* como pequenos versos ou canções lidos, contados ou cantados para (ou por) crianças pequenas. Porém, Opie e Opie afirmam que “a grande maioria das *nursery rhymes* não foram inicialmente compostas para crianças; na verdade, muitas são sobreviventes de um código adulto de jovialidade, e, em sua composição original, pelos padrões atuais, eram absolutamente inadequadas para aqueles de jovem idade” (OPIE E OPIE, 1952, p. 3). Abordando temas diversos, apresentando palavras que não têm sentido, ilustrações de violência e acontecimentos ilógicos, muitas foram originadas de tradições folclóricas, provérbios, canções proferidas em tavernas, canções românticas, fragmentos de peças de teatro, bem como de brincadeiras cantadas infantis, entre outros.

Nos séculos XVII e XVIII, as crianças eram consideradas adultos em miniatura, usando as mesmas roupas, consumindo as mesmas bebidas e utilizando a mesma linguagem dos adultos. Por isso, conviviam diariamente com as *nursery rhymes* de temas sombrios, que eram passadas a elas oralmente. Assim, alguns autores sentiram a necessidade de preservá-las de forma escrita (OPIE E OPIE, 1952; COKER, 1992).

A primeira vez que o termo “*nursery rhyme*” foi usado foi em 1826, no artigo “On Nursery Rhymes in General”, de John Wilson, publicado na *Blackwood’s Edinburgh Magazine*. A partir dessa publicação, o termo passou a ser amplamente utilizado por autores da área. Em 1842, James Orchard Halliwell lançou um livro chamado *The Nursery Rhymes of England*, um compilado desses poemas, tendo sua versão revisada lançada em 1843, com análises adicionais sobre as *rhymes* (COKER, 1992).

Durante a era vitoriana, que teve início em 1837, a visão dos adultos sobre as crianças já era mais próxima à que temos hoje em dia. A escolarização era obrigatória, e as *nursery rhymes* eram utilizadas como um instrumento de ensino da linguagem devido às suas rimas, repetições e sonoridade, que prendiam a atenção das crianças e facilitavam sua memorização (COKER, 1992).

Nesse período, o partido conservador era uma grande parte do Parlamento inglês, e o Puritanismo difundiu um código moral que de certa forma censurou e “limpou” as *nursery rhymes*, o que fez com que várias fossem reescritas e reformuladas. Ao mesmo tempo, havia uma grande quantidade de *nursery rhymes* sendo escritas como uma forma de protesto político

implícito, ironizando figuras e situações políticas e denunciando condições absurdas de vida das classes mais baixas (COKER, 1992).

Como exemplos de *nursery rhymes* com temas políticos<sup>1</sup>, temos *Three Blind Mice*, que conta a história de três ratos cegos que perseguiram uma proprietária rural e tiveram suas caudas cortadas por ela. Essa parlenda supostamente trata da rainha católica Maria I da Inglaterra, também conhecida como Bloody Mary, pela violência com que tratava aqueles que seguiam a religião protestante. Os três ratos teriam sido Hugh Latimer, Nicolas Ridley e Thomas Cranmer, três bispos protestantes cuja execução foi ordenada pela rainha e que foram cegados antes de sua morte.

A possível origem de *Humpty Dumpty* data da Guerra Civil Inglesa entre a Coroa e o Parlamento britânicos, ocorrida entre 1642 e 1651. *Humpty Dumpty* seria o nome de um canhão das forças leais ao rei, que foi colocado na torre de uma igreja para atacar os Parlamentaristas, conforme o verso “*Humpty Dumpty sat on a wall*”. Após onze semanas, a torre foi destruída pelas forças do Parlamento, fazendo com que o canhão fosse quebrado e enterrado sob os destroços, inspirando os versos seguintes, que contam que “*Humpty Dumpty had a great fall*” e “*all the king’s horses and all the king’s men couldn’t put Humpty together again*”.

Sobre a parlenda *Jack and Jill*, uma das teorias é a de que ela seria sobre o rei Luís XVI, da França, e sua esposa Maria Antonieta. Ele foi preso pela Revolução Francesa e em seguida decapitado, sendo Maria Antonieta também executada alguns meses depois, como indicam os versos “*Jack fell down and broke his crown/And Jill came tumbling after*”. Já *The Lion and the Unicorn*, um poema sobre um leão e um unicórnio brigando por uma coroa, se refere supostamente à rivalidade entre os reinos inglês e escocês, antes de sua unificação, quando o rei Jaime VI da Escócia virou o rei Jaime I da Inglaterra. O leão representa o brasão inglês, enquanto o unicórnio representa o brasão escocês.

---

<sup>1</sup> Para esses exemplos, serão utilizados as seguintes referências, em ordem alfabética:

HISTORY in Nursery Rhymes: Three Blind Mice. *Artlark*, 2021. Disponível em: <<https://artlark.org/2021/10/12/history-in-nursery-rhymes-three-blind-mice/>>. Acesso em: 19 jan. 2023.

POLITICAL Meaning in 18th Century Nursery Rhymes (Part Two). *English Historical Fiction Authors*, 2012. Disponível em: <<https://englishhistoryauthors.blogspot.com/2012/04/political-meaning-in-18th-century.html>>. Acesso em: 19 jan. 2023.

“ROCK A Bye, Baby” - The Origin Stories. *History Daily*, 2019. Disponível em: <<https://historydaily.org/rock-a-bye-baby-the-origin-stories/5>>. Acesso em: 19 jan. 2023.

THE HISTORY and Origins of Nursery Rhymes in Britain. *Historic UK*. Disponível em: <<https://www.historic-uk.com/CultureUK/More-Nursery-Rhymes/>>. Acesso em: 19 jan. 2023.

THE LION and the Unicorn Rhyme. *Nursery Rhyme & History*. Disponível em: <[https://www.rhymes.org.uk/the\\_lion\\_and\\_the\\_unicorn.htm](https://www.rhymes.org.uk/the_lion_and_the_unicorn.htm)>. Acesso em: 19 jan. 2023.

THERE WAS a Crooked Man. *Nursery Rhyme & History*. Disponível em: <[https://www.rhymes.org.uk/there\\_was\\_a\\_crooked\\_man.htm](https://www.rhymes.org.uk/there_was_a_crooked_man.htm)>. Acesso em: 19 jan. 2023.

THERE WAS an Old Woman Who Lived in a Shoe. *Nursery Rhymes from Mother Goose*. Disponível em: <[https://nurseryrhymesmg.com/rhymes/there\\_was\\_an\\_old\\_woman\\_who\\_lived\\_in\\_a\\_shoe.htm](https://nurseryrhymesmg.com/rhymes/there_was_an_old_woman_who_lived_in_a_shoe.htm)>. Acesso em: 19 jan. 2023.

Há também *Georgie Porgie*. A origem mais provável dessa parlenda fala sobre o rei inglês Jorge IV. Ele era obeso, e por isso era alvo de piadas e ridicularização, portanto ao que se refere o verso “*Georgie Porgie, Puddin’ and Pie*”. Ele se casou em segredo por uma plebeia pela qual se apaixonou, mas, depois, casou-se por questões políticas com uma mulher que odiava, assim, nenhuma de suas duas esposas era feliz com ele, sentimento explicitado no verso “*Kissed the girls and made them cry*”. Quanto aos versos “*When the boys came out to play/Georgie Porgie ran away*”, eles vêm do hábito que o rei mantinha de assistir a lutas ilegais de boxe. Em uma delas, um dos lutadores foi morto, e Jorge rapidamente escapou do local para não ser descoberto.

Uma possível origem para *There Was a Crooked Man* acontece durante o reinado de Carlos I da Inglaterra, no século XVII, e representa a animosidade entre a Inglaterra e a Escócia no período. O poema, que menciona um *crooked man* que encontrou várias coisas e personagens também *crooked*, contaria a história do general escocês Sir Alexander Leslie, que assinou um tratado que asseguraria liberdade religiosa e política para a Escócia. Nesse caso, em “*He found a crooked sixpence against a crooked stile*”, o *crooked stile* seria a fronteira entre os dois países, e o verso “*And they all lived together in a little crooked house*” faria referência ao fato de as duas nações terem chegado a um acordo.

Um possível significado de *There Was an Old Lady*, uma parlenda sobre uma “*old woman who lived in a shoe*” e “*had so many children, she didn’t know what to do*”, é que ela fala sobre o Parlamento inglês, e as crianças seriam as colônias britânicas. Também acredita-se que a parlenda diz respeito ao rei Jorge III, que sofria de uma doença mental, e que as crianças seriam os membros do Parlamento. Já para *Rock-a-Bye Baby*, que conta a história de um bebê que dorme no topo de uma árvore, é levado pelo vento e despenca, há uma versão que afirma que o poema foi feito durante a Revolução Gloriosa, na Inglaterra, e expressava a esperança de que o filho do rei Jaime II morresse para que o reinado pudesse ser derrubado.

A personagem de Mother Goose é uma figura canônica na cultura de países de língua inglesa. Suas parlendas são tradicionalmente utilizadas como canções de ninar ou ferramentas de aprendizado para crianças por serem bastante literais e visuais e apresentarem repetições de sons cujo ritmo as torna divertidas para o público infantil. Esses poemas estão entranhados na cultura, a ponto de fazerem parte da vida até mesmo de adultos, com diversas referências no dia a dia e em livros, séries, filmes e músicas.

A origem da personagem da Mother Goose, ou Mamãe Gansa, é incerta. A primeira aparição de que se tem registro do nome foi na França, quando, em 1697, Charles Perrault

publicou um livro intitulado *Histoires ou contes du temps passé, avec des moralités*, também chamado de *Contes de ma mère l'Oye*, ou “Contos de minha mãe Gansa”. A publicação trazia oito histórias que hoje conhecemos como contos de fadas, como Chapeuzinho Vermelho, Bela Adormecida e Pequeno Polegar (ALCHIN, 2013). Há também lendas que contam que a origem do nome no país se deu por conta da esposa do Rei Ricardo II, Berta, que costumava contar histórias que capturavam a atenção das crianças.

Na Inglaterra, o volume de Perrault foi traduzido por Robert Samber e publicado em 1729 com o título *Tales of Mother Goose*. Em 1744, Mary Cooper publicou a coletânea mais antiga de *nursery rhymes* de que se tem conhecimento, chamada *Tommy Thumb's Song Book*. Em 1780, Thomas Carnan, sobrinho de John Newbury e herdeiro da editora do tio, já conhecida por publicar obras infantis, lançou uma compilação de *nursery rhymes* contendo ilustrações em preto e branco com o título *Mother Goose's Melody or Sonnets for the Cradle*. Esse volume fez tanto sucesso que várias edições piratas começaram a surgir nos Estados Unidos, até que, em 1786, Isaiah Thomas publicou no país uma versão autorizada da obra (ALCHIN, 2013).

Posteriormente, ainda nos Estados Unidos, surgiu uma outra versão da origem de Mother Goose. Ela conta que, em 1715, Thomas Fleet, um inglês que havia se mudado para o país, casou-se com Elizabeth Goose, ou Vergoose, em Boston. Ambos tinham filhos de casamentos anteriores e, para entreter as crianças, Elizabeth recitava *nursery rhymes*. Segundo essa história, Fleet publicou um volume chamado *Songs of the Nursery* ou *Mother Goose's Melodies for Children*, compilando esses poemas. No entanto, não há provas encontradas por historiadores que atestem a veracidade dessa versão, e nenhum exemplar dessa suposta publicação de *nursery rhymes* foi encontrado (ALCHIN, 2013). Essa versão é usada de forma fictícia em *The Librarians and the Mother Goose Chase*.

## CAPÍTULO 2 – CORPO TEÓRICO

### 2.1 Tradução de Poesia

As *nursery rhymes* são, como o próprio nome indica, pequenos poemas voltados para crianças, com rimas, repetições e jogos de sons e palavras que auxiliam na aquisição e aprendizado da língua. Para traduzi-las e analisá-las, é inevitável o embasamento em teorias de tradução de poesia.

Primeiramente, é apresentado um esquema formulado por Paulo Henriques Britto (2004) para definir o que significa dizer que um poema B é uma tradução de um poema A:

- i. A é um texto na língua  $\alpha$  que apresenta determinadas características que permitem que os leitores falantes de  $\alpha$  o reconheçam como um poema;
- ii. B é um texto na língua  $\beta$  que apresenta determinadas características que permitem que os leitores falantes de  $\beta$  o reconheçam como um poema; e
- iii. Leitores falantes de  $\alpha$  e  $\beta$  reconhecem nos dois textos as características definidoras de um poema, e detectam certa relação de correspondência entre A e B a respeito dessas características, de modo que “se uma pessoa que conheça o idioma  $\beta$  mas desconheça o idioma  $\alpha$  leia B, pode-se dizer que ela leu A.” (BRITTO, 2006, p.1)

Essa correspondência, explica Britto, pode ser formal ou funcional: a formal se dá quando o tradutor mantém em sua tradução a mesma estrutura poética do poema original, ou seja, os dois poemas apresentam, por exemplo, o mesmo número de versos e sílabas e o mesmo esquema de rimas; a correspondência funcional, por outro lado, ocorre quando o tradutor utiliza uma forma que tem a mesma conotação poética na língua alvo que a forma utilizada no original carrega na língua fonte. Para estabelecer qual técnica tradutória tomar, seguindo esses conceitos de correspondência, é necessário observar os fatores que compõem o poema original e selecionar os que julgamos mais relevantes. Para esse fim, Britto (2006) descreve três etapas de seleção para julgar essa escolha:

- i. A identificação dos fatores “poeticamente significativos” (BRITTO, 2006) no texto original;
- ii. A identificação da prioridade de cada característica em relação à relevância do que ela contribui ao efeito estético; e
- iii. A tentativa de recriar na língua de chegada as características julgadas mais importantes, tentando assim atingir uma correspondência.

Para os fins deste trabalho, cujo objetivo é traduzir *nursery rhymes* de maneira que se

encaixem na história de *The Librarians and the Mother Goose Chase* sem deixar de lado sua forma poética, os fatores poeticamente significativos foram avaliados com base nesse propósito. Assim, o primeiro fator a ser considerado, de maior importância para o contexto em questão, é o conteúdo semântico. O foco do trabalho é manter o significado para que faça sentido na história do romance. Então, em segundo lugar, está a separação em versos e as rimas das *nursery rhymes*.

Mário Laranjeira, por sua vez, destaca que há textos em que se deve adotar diferentes estratégias de tradução de acordo com o papel de relevância que o significado e o significante desempenham (LARANJEIRA, 2012). Enquanto há textos em que a importância maior recai sobre o conceito, ou seja, as ideias apresentadas neles, há aqueles como os poemas em que a característica mais relevante a ser considerada é a forma, isto é, o significante. Por isso, ao traduzir um poema, o tradutor deve ter em mente essas características formais para conservar da maneira mais próxima possível a identidade estrutural do texto, e recuperar, no texto de chegada, as “marcas textuais da significância, de maneira que o texto de chegada possa ser não somente um poema na língua-cultura de acolhimento, mas um poema homogêneo ao poema original no que constitui a sua identidade poética” (LARANJEIRA, 2012, p. 7).

Assim, Laranjeira identifica algumas marcas textuais da significância que se deve levar em conta na hora da tradução de um poema. A primeira delas é a agramaticalidade, no sentido mais amplo da palavra, ou seja, as partes do texto que fogem do que é considerado “correto” no sentido gramatical. O tradutor deve identificar as marcas agramaticais no texto de partida e tentar reproduzi-las no seu texto ou encontrar uma solução para compensá-las de alguma forma.

A segunda marca que Laranjeira identifica é o signo duplo, como definido por Michael Riffaterre (1983), ou seja, uma palavra que exprime dois significados na língua de origem. Esse duplo significado é utilizado como um fator estilístico e semântico no poema, e o tradutor deve prestar atenção a ele e encontrar uma maneira de reproduzir na língua alvo o efeito que ele confere ao texto.

A terceira marca de significância são os interpretantes textuais, que Riffaterre (1983, p. 107), citado por Laranjeira, define como “um signo que governa a interpretação dos signos superficiais do texto e explicita tudo o que esses signos apenas sugerem”. O uso desses signos permite uma interpretação de certo elemento que pode ser quebrada pela introdução de outro no poema.

A quarta e última marca textual identificada por Laranjeira é o conceito de visi-legibilidade do texto poético, conceito recuperado de J.-M. Adam (1985). A visi-legibilidade

nada mais é do que a identidade visual de um poema, a primeira percepção de um leitor ao entrar em contato com esse texto. Laranjeira argumenta que, na tradução, a visi-legibilidade deve ser mantida ou ao menos recuperada de maneira análoga na língua de chegada.

Apesar de Laranjeira identificar um poema como um texto cujo significante detém maior importância, neste trabalho, como já mencionado, as *nursery rhymes* são tratadas de maneira especial, o que faz com que um peso maior recaia sobre seu significado. Essa abordagem, porém, não impede a análise das marcas textuais definidas pelo autor. A visi-legibilidade é mantida, justamente por ser a versificação um fator significativo para que o texto seja identificado como poema. O signo duplo pode ser utilizado com um significado implícito, incluindo metáforas, pelo contexto histórico e político das parlendas.

## 2.2 Tradução e cultura

Cultura é um conceito amplo que abrange os costumes e as vivências de grupos de pessoas. Ela guia o modo de viver dos membros das comunidades em que está inserida e molda os pensamentos e as ideias dessas pessoas, que inconscientemente seguem certa ideologia ditada pela sociedade envolvida nesse meio de cultura. Assim, a cultura é uma parte muito forte e carregada de importância na vida de todos.

De acordo com o *Cambridge Dictionary*, cultura é “o modo de vida, principalmente as crenças e costumes, de um certo grupo de pessoas em um determinado tempo”, bem como “as atitudes, comportamentos, opiniões etc. de um certo grupo de pessoas na sociedade”. Newmark (1988, p. 94) definiu cultura como “o modo de vida e suas manifestações que são peculiares a uma comunidade que utiliza uma certa língua como meio de expressão”.

Para Vermeer (1989), cultura é “[...] a totalidade de normas, convenções e opiniões que determinam o comportamento dos membros de uma sociedade, e todos os resultados desse comportamento (como arquitetura, instituições universitárias, etc.)” (traduzido em SNELL-HORNBY, 2006, p. 55). Ribeiro (1978) afirma que cultura é:

A herança social de uma comunidade humana, representada pelo acervo coparticipado de modos padronizados de adaptação à natureza para o provimento da subsistência, de normas e instituições reguladoras das relações sociais e de corpos de saber, de valores e de crenças com que seus membros explicam sua experiência, exprimem sua criatividade artística e a motivam para a ação.” (RIBEIRO, 1978, p. 127). Citado por Bolognini (1998, p.10).



As *nursery rhymes* são um forte marco cultural dos países de língua inglesa. Há séculos, elas fazem parte da vida e do aprendizado das crianças, que as carregam em sua memória até sua vida adulta. Isso permite que essas parlendas se transformem em referências culturais dos nativos de língua inglesa e se entranhem em suas vivências e cotidiano. Por isso, é essencial levar esse fator em conta na hora de traduzi-las.

Vermeer afirma que “apesar da tradução, em sentido comum, ser geralmente pensada como um processo de transferência [...] linguística, ela é [...] ao mesmo tempo um processo cultural, pois a língua é parte de uma cultura”. Newmark (1988), por outro lado, reitera que:

A língua [...] contém todo tipo de depósito cultural, na gramática [...], formas de tratamento [...] bem como o léxico [...], que não são considerados em universais nem na consciência nem na tradução. Além disso, quanto mais específica se torna a língua em relação aos fenômenos naturais [...], mais ela é incorporada em características culturais, criando, portanto, problemas de tradução. (NEWMARK, 1988, p. 95)

É inegável que a cultura tem certa influência sobre a linguagem dos indivíduos e vice-versa, afinal, a maneira como a língua é expressada tanto na fala quanto na escrita é ao mesmo tempo um modelo e um reflexo de como cada pessoa em uma determinada cultura enxerga o mundo e se relaciona com ele. Katan (1998, p.73) afirma que “basicamente, a cultura deve ser entendida não só como um conjunto de níveis [...], mas sim como um sistema integrado, em um constante estado de fluxo, pelo qual sinais textuais são negociados e reinterpretados de acordo com o contexto e a posição individual.”

Karamanian (2002) comenta que:

Como tradutores, lidamos com uma cultura estranha que exige ter sua mensagem transmitida de qualquer forma que não seja estranha. Essa cultura expressa suas idiossincrasias de uma forma ligada à cultura: palavras específicas daquela cultura, provérbios e [...] expressões idiomáticas, cuja origem e uso estão intrínseca e unicamente ligadas à cultura em questão. Então, somos chamados a fazer uma tradução entre culturas cujo sucesso dependerá do nosso entendimento da cultura com a qual estamos trabalhando.

Assim, o tradutor deve levar em conta os componentes culturais de um texto de partida ao realizar o processo tradutório. Esses elementos devem ser trabalhados com cuidado durante o procedimento de tradução, com foco em encontrar a melhor estratégia para lidar com eles.

Schleiermacher, citado por Venuti (1995), diz que, quanto aos métodos de tradução, “há apenas dois. Ou o tradutor deixa o autor em paz, o máximo possível, e leva o leitor até ele; ou ele deixa o leitor em paz, o máximo possível, e leva o autor até ele”. Assim sendo, o tradutor pode:

escolher entre um método domesticador, uma redução etnocêntrica do texto estrangeiro para os valores culturais do texto de chegada, trazendo o autor para casa, e um método estrangeirizador, uma pressão etno-desviante nesses valores para registrar as diferenças linguísticas e culturais de um texto estrangeiro, mandando o leitor para o exterior (VENUTI, 1995, p. 20).

Seguindo o método de estrangeirização, o tradutor leva o leitor até a cultura do texto de partida, mantendo os traços culturais como termos, referências e costumes apresentados. Com essa estratégia, o tradutor se mantém fiel à forma do texto de partida, ao manter os personagens originais em seus devidos lugares, ao mesmo tempo em que amplia os horizontes do leitor quanto a diferentes modos de viver e enxergar o mundo existentes ao redor do planeta. Segundo Venuti (1995, p. 20), “o ‘estrangeiro’ na tradução estrangeirizadora não é uma representação transparente de uma essência que reside no texto estrangeiro e que é valiosa por si só, mas sim uma construção estratégica cujo valor é contingente na situação da língua de chegada atual”.

Por outro lado, a domesticação se apresenta como a adaptação dos elementos culturais para a cultura de chegada. Essa estratégia pode ser vista como uma maneira de produzir uma tradução “comunicativa” que aproxima o texto de partida do leitor e cria para ele um ambiente familiar no texto de chegada, o que pode gerar maior entendimento e identificação por sua parte. Ela é focada no contexto semântico do texto e remove o que é considerado “estrangeiro”, ou seja, que causaria estranhamento no leitor (HU, 2018). Portanto, esse método também acarreta o apagamento da cultura de partida, que é parcial ou completamente substituída pela cultura de chegada.

Komissarov (1991) argumenta a favor de uma estratégia estrangeirizadora, defendendo um estilo de adaptação que conserve o componente cultural do texto de partida e adicionando uma explicação ou explicitação que auxilie na compreensão do leitor. Para ele, é possível que o leitor, mesmo sem conhecer a referência, entenda a intenção expressada no texto. Segundo ele,

entender uma mensagem significa interpretá-la com base no conhecimento prévio. Se esse conhecimento está ausente devido a diferenças culturais, deve ser fornecido ou compensado. O tradutor reproduz em outra língua o que as palavras do original significam na cultura de partida. As especificidades da cultura influenciam no modo como as unidades de linguagem são utilizadas e entendidas. A cultura encontra sua expressão na linguagem e por meio da linguagem. (KOMISSAROV, 1991, p. 43)

Como as *nursery rhymes* são expressões culturais muito fortes, é preciso ter um cuidado especial quando se trata da tradução da carga cultural nelas presentes. Para o propósito desse trabalho, ou seja, traduzir as parlendas adequando-as à narrativa de *The Librarians and the*

*Mother Goose Chase*, é importante que esses elementos culturais sejam mantidos, juntos com o conteúdo semântico e os fatores estruturais de um poema.

### 2.2.1 Tradução de nomes próprios

O *Oxford Learner's Dictionary* define o nome próprio como “uma palavra que é o nome de uma pessoa, de um lugar, de uma instituição etc. e é escrito com letra maiúscula”. Segundo o dicionário da *Real Academia Española*, em Aguilera (2009), o nome próprio é “aquele [aplicado] a seres animados ou inanimados para designá-los e diferenciá-los de outros da mesma classe, e que, como não necessariamente evoca propriedades desses seres, pode ser imposto a mais de um, mesmo para seres da mesma classe”. Nord (2003) comenta que “os nomes próprios são mono-referenciais, mas certamente não são mono-funcionais. Sua principal função é identificar um referente individual” (NORD, 2003, p. 183).

Segundo Sciarone (1967), “nomes próprios não têm nenhum significado do ponto de vista do sistema linguístico”, pois “[nomes próprios de pessoas] sempre se referem à pessoa de modo específico [...]. Isso implica que precisaríamos aprender o significado dos nomes próprios repetidamente, dependendo do número de objetos ao qual o nome próprio se refere” (SCIARONE, 1967, p. 81). Vendler (1975) afirma que “nomes próprios não têm significado (no sentido de ‘sentido’, e não de ‘referência’), o que é corroborado pelo fato de que não exigem tradução para outra língua. [...] [D]icionários não listam nomes próprios; o conhecimento de nomes próprios não pertence ao conhecimento de uma língua” (VENDLER, 1975, p. 117).

Por outro lado, Searle (1975) diz que “um nome próprio deve ter um sentido, e que a descrição identificadora constitui esse sentido” (SEARLE, 1975, p. 138). Assim, em relação à questão de se um nome próprio tem um sentido, ele postula que “se a pergunta é se nomes próprios são usados para descrever ou especificar características de objetos, a resposta é ‘não’. Mas, se a pergunta for se os nomes próprios estão logicamente conectados com características do objeto ao qual se refere, a resposta é ‘sim, de maneira frouxa” (SEARLE, 1975, p. 139).

Segundo Nord (2003), em textos fictícios, podemos assumir que o autor sempre tem uma intenção ao escolher um nome próprio para seus personagens, ou seja, o nome sempre terá uma função informativa. O significado do nome e a intenção do autor podem estar mais ou menos explícitos, dependendo de e estando ligados a, em certos casos, o contexto da história ou a personalidade do personagem que o carrega. Nessas hipóteses, é possível traduzir o nome, de forma que ele mantenha sua carga informativa caso seu significado seja consideravelmente

relevante; ou mantê-lo como aparece no texto de partida, caso em que há a perda da marcação cultural do texto.

Acerca das discussões sobre se nomes próprios carregam ou não significado e o que isso representa para a tradução, Vermes (2001) afirma que

a tradução de nomes próprios não é uma questão trivial, mas, pelo contrário, pode envolver um processo de tomada de decisões delicado, exigindo, da parte da tradutora, considerações cuidadosas sobre a função que os nomes próprios desempenham no contexto da língua e da cultura de partida e, além disso, da função que deverá exercer no contexto da língua e da cultura de chegada. (VERMES, 2001, p. 91)

Ou seja, o tradutor deve considerar os sentidos referenciais, significativos e contextuais de cada nome, bem como o seu papel no texto de partida, e ponderar sua relevância, para que assim possa chegar a uma solução adequada no texto de chegada (VERMES, 2001).

Hermans (1988) constatou que há quatro formas principais de traduzir um nome próprio: ele pode ser copiado, ou seja, transferido de forma idêntica de um texto para o outro; ele pode ser transcrito ou adaptado, ou seja, “transformado” no nível gráfico morfológico para se adequar à língua de chegada; ele pode ser substituído por algum nome que se encaixe no contexto da língua de chegada; ou, quando ele apresenta um significado óbvio, pode ser propriamente traduzido.

A tradução de nomes na literatura infantil é um caso especial. Na maior parte das traduções, é comum que os nomes sejam traduzidos ou adaptados, tanto pelo fato de a literatura para crianças possuir, em sua grande maioria, caráter lúdico e educativo, quanto porque as crianças, sobretudo as que ainda estão em idade de alfabetização, ainda não possuem amplas experiências de mundo, portanto seu entendimento e sua identificação com a história seriam maiores nesse caso. No entanto, nos dias de hoje, cada vez mais crianças estão sendo expostas a diferentes culturas por meio de programas de televisão ou da internet, por exemplo. Assim, elas estão mais familiarizadas com nomes provenientes de outras culturas, tornando possível utilizar na tradução uma estratégia estrangeirizadora de conservação dos nomes próprios da cultura de partida.

### CAPÍTULO 3 – RELATÓRIO

Primeiramente, apresentamos um resumo do livro, com foco nas partes em que as parlendas trabalhadas aparecem.

A história começa quando os Bibliotecários são avisados de quatro novos casos para serem investigados: uma proprietária rural que foi atacada por três ratos gigantes sem olhos e cortou a cauda de um deles com uma faca, assim como narra a parlenda *Three Blind Mice*; uma professora universitária que acordou pela manhã presa no interior de uma abóbora premiada, conforme os eventos de *Peter, Peter, Pumpkin Eater*; e um jardineiro que, ao podar os galhos de uma árvore, foi levado pelo vento e aterrissou em uma cama elástica que estava em um quintal da vizinhança, como ocorre em *Rock-a-Bye Baby*. Eles também recebem a notícia sobre a demolição iminente de um parque de diversões temático de Mother Goose que estava abandonado há anos.

Com essas informações, o curador da Biblioteca, Jenkins, explica-lhes sobre a história de Elizabeth Goose, a Mother Goose original cuja versão já foi mencionada neste trabalho, e como o primeiro livro da Mother Goose reunia o que na verdade eram feitiços poderosos que passaram a ser cantados e recitados para crianças como parlendas. Devido ao perigo que esse livro apresentava, todos os exemplares foram destruídos, exceto por um, que foi separado em três partes, cada uma a ficar sob custódia de um ramo da família de Elizabeth. Os três Bibliotecários e sua Guardiã fazem uma pesquisa sobre a árvore genealógica das vítimas desses estranhos acontecimentos e descobrem que cada um é descendente de um desses ramos.

Os quatro personagens decidem separar-se para investigar cada uma dessas ocorrências. Eve Baird, a Guardiã, vai explorar o parque de diversões. Lá, ela encontra diversos brinquedos, atrações e decorações que fazem referências às mais variadas parlendas de Mother Goose, como uma *funhouse* em forma de um sapato gigante, como em *There Was An Old Lady*; o Garfo e a Colher em fuga de *Hey, Diddle, Diddle*; o poço de *Jack and Jill*; e um manequim da figura de *Humpty Dumpty*, caído no chão e partido em três pedaços, onde ela detecta um alto nível de magia. Além disso, a própria Mother Goose faz uma aparição como uma pessoa viva e ameaça a Guardiã para que ela se afaste.

Assim que Baird volta de sua expedição, Jenkins explica-lhe as implicações da figura de Humpty Dumpty: sua parlenda é uma das mais antigas do livro, e o personagem representa o ovo desde o qual o mundo foi criado segundo algumas religiões e mitologias. De acordo com

ele, com toda a magia que o manequim partido apresentou, remontá-lo seria como reverter o Big Bang, criando-se um novo universo e destruindo este que conhecemos.

Enquanto isso, Ezekiel Jones vai até uma biblioteca em uma cidadezinha do interior do estado de Ohio, para investigar o caso de Mary Simon, a proprietária rural atacada pelos três ratos cegos. Ele conta a ela que as histórias e lendas das quais ela sempre ouviu falar sobre sua ascendência são reais e percebe que ela possui em seu escritório um quadro com a parlenda *Simple Simon*, uma herança de família. Os dois decidem procurar pela parte do livro original que estava em posse da família de Mary e, seguindo a parlenda em seu quadro, vão a uma feira de produtores locais.

Lá, eles chegam a um carrossel antigo que havia sido a única estrutura sobrevivente de um incêndio em um pavilhão onde costumava acontecer um concurso de tortas. Ezekiel procura pelas páginas escondidas no banco em formato de baleia, animal mencionado na parlenda, e lá as encontra. Porém, a figura de Mother Goose aparece e recita a parlenda *Sing a Song of Sixpence*, fazendo com que dezenas de pássaros saiam voando de dentro das tortas expostas para atacar os personagens, e Ezekiel avisa Mary para ter cuidado com seu nariz. Os pássaros acabam roubando o livro das mãos de Mary e entregando-o a Mother Goose.

Jacob Stone vai até Northumberland, na Inglaterra, para falar com Gillian Fell, a professora universitária que acordou dentro da abóbora. Ela menciona que sua herança de família é a parlenda *Jack and Jill*, e eles começam a analisar os elementos da rima, como a presença do nome “Jill” em vários trabalhos históricos e a menção a colinas, como em *There Was an Old Woman Lived Under a Hill*. Assim, Jake e Gillian (cujos nomes se parecem com a parlenda) decidem subir uma colina até as ruínas de um antigo forte romano para procurar a parte do livro pertencente ao ramo da família da professora.

No caminho, Stone relembra a parlenda *I Do Not Like Thee, Dr. Fell*, e a compara aos seus próprios sentimentos acerca de Gillian Fell. Ao chegarem no topo da colina, eles adentram uma abertura que originalmente se tratava de um poço, e se encontram no interior das colinas. Stone descobre um vitral que poderia ser uma pista, e, inspirados na parlenda de *Jack and Jill*, os dois improvisam uma espécie de gangorra com um pedaço longo de madeira para verificá-lo, e o Bibliotecário encontra sua parte do livro. A figura de Mother Goose aparece e conjura uma aranha gigante para ir atrás deles e roubar o livro. Eles escapam utilizando vinagre, como mencionado em *Jack and Jill*, como repelente para a aranha.

Cassandra Cillian vai até um bar no estado da Flórida, onde George Cole, o jardineiro levado pelo vento, apresenta um rap. Seu nome de rapper é Bo-Peeeps, uma referência à parlenda

*Little Bo-Peep*. Quando a Bibliotecária se aproxima dele, o rapper acha que ela está tentando flertar, e faz um trocadilho com seu nome e a parlenda *Georgie Porgie*. Ao conversarem, ele revela que conhece sua relação com Mother Goose e tem orgulho dela, e mostra a Cassandra a tatuagem que tem nas costas com a parlenda de sua herança, *There Was a Crooked Man*. Os dois, baseados nesse poema, vão até a casa do avô de George, que foi construída como uma espécie de labirinto cheio de portas falsas e passagens secretas, o que eles concluem ser uma referência adequada a uma *crooked house*.

Na biblioteca da casa, eles encontram um livro com a obra completa de Mother Goose, que os indica à parlenda *Hickory, Dickory, Dock*. Eles comparam o elemento do *mouse* que aparece nos dois poemas e decidem vasculhar a torre do relógio, devido ao verso “*The mouse ran up the clock*” do último. Lá, Cassandra moveu o ponteiro do relógio para que indicasse uma hora, e assim conseguiu a parte do livro. Porém, Mother Goose também aparece e rouba as páginas, invocando a parlenda *Jack Be Nimble* para, com um candelabro, incendiar a sala em que eles estão, bloqueando a saída, e os desafia a pular por cima do fogo para escapar.

Enquanto os Bibliotecários buscavam as páginas escondidas do volume original de Mother Goose, Jenkins e Baird permaneceram no Anexo da Biblioteca para conter crises ocasionadas pela magia da figura acordada, que fez os diversos artefatos guardados simularem algumas parlendas. Uma dessas foi *The Lion and the Unicorn*, o que fez com que os exemplares que lá estavam desses dois animais começassem a disputar pela coroa do Rei Arthur. O curador os distrai com a ajuda da espada Excalibur e faz com que a Flauta de Pã toque uma melodia que fez os animais caírem no sono.

Após recuperarem (e perderem) as três partes do livro, os Bibliotecários e Baird vão até o parque de diversões abandonado para enfrentar Mother Goose e impedi-la de restaurar Humpty Dumpty. Lá, antes da figura aparecer, os manequins expostos ganham vida, e os personagens são atacados por Little Jack Horner, segurando uma torta de ameixa; Little Boy Blue; Wee Willie Winkie, com sua roupa de dormir; Tweedledum e Tweedledee; o Rei, a Rainha e o Valete de Copas, da parlenda *The Queen of Hearts*; os Three Wise Men of Gotham; Mary com seus carneirinhos, de *Mary Had a Little Lamb*; Tom the Piper’s Son, com um porco roubado debaixo do braço; os Three Little Kittens sem suas *mittens*; e Little Miss Muffet, de quem Cassandra se livrou ao lembrar-se da parlenda e fingir se assustar ao ver uma aranha.

De maneira geral, a estratégia utilizada para a tradução priorizou o conteúdo semântico dos poemas, devido ao tema do romance. Então, após analisar os fatores poeticamente significativos, como disse Paulo Henriques Britto, priorizamos em segundo lugar a

característica que consideramos mais marcante em poesia: as rimas. Devido ao uso que cada *nursery rhyme* teve ao longo do livro, houve casos em que essa ordem de prioridade foi modificada, também por conta de dificuldades de tradução.

Ao longo do romance, há referências a diversas parlendas de Mother Goose, que apresentam diferentes níveis de importância para o desenrolar da trama: algumas “ganham vida” por meio de magia, outras são utilizadas como pistas e como base para planos pelos personagens do livro, algumas são apenas mencionadas. Para este trabalho, foram selecionadas 27 parlendas<sup>2</sup> dos três usos mencionados, entre as 38 incluídas no romance.

Primeiramente, selecionamos as *nursery rhymes* que “ganham vida”: *Three Blind Mice; Peter, Peter, Pumpkin Eater; Rock-a Bye, Baby; Humpty Dumpty; The Lion and the Unicorn; Sing a Song of Sixpence; e Jack Be Nimble*. Então, as que os personagens se inspiram para bolar planos: *Simple Simon; Jack and Jill; There Was a Crooked Man; e Hickory, Dickory, Dock*.

---

<sup>2</sup> Apresentamos também possíveis origens históricas das *nursery rhymes*. Elas foram retiradas dos seguintes sites, em ordem alfabética:

AMELINCKX, Andrew. The True Story Behind “Mary Had a Little Lamb”. Modern Farmer. Disponível em: <<https://modernfarmer.com/2017/12/true-story-behind-mary-little-lamb/>>. Acesso em: 04 fev. 2023.

I DO NOT Like Thee, Doctor Fell. Nursery Rhymes Lyrics, Origins and History. Disponível em: <<https://www.rhymes.org.uk/a32-i-do-not-like-thee-doctor-fell.htm>>. Acesso em: 04 fev. 2023.

KIDD, Natalie. The Hidden History of Nursery Rhymes. Education.com, 2010. Disponível em:

<[https://www.education.com/magazine/article/hidden\\_history\\_of\\_nursery\\_rhymes/](https://www.education.com/magazine/article/hidden_history_of_nursery_rhymes/)>. Acesso em: 04 fev. 2023.

LITTLE BOY Blue by Mother Goose. Poem Analysis. Disponível em: <<https://poemanalysis.com/mother-goose/little-boy-blue/#:~:text=%27Little%20Boy%20Blue%27%20was%20first,in%20Shakespeare%27s%20play%20King%20Lear>>.

Acesso em: 04 fev. 2023.

LITTLE Miss Muffet. Nursery Rhymes from Mother Goose. Disponível em: <[https://nurseryrhymesmg.com/rhymes/little\\_miss\\_muffet.htm](https://nurseryrhymesmg.com/rhymes/little_miss_muffet.htm)>. Acesso em: 04 fev. 2023.

PETER, Peter Pumpkin Eater. Nursery Rhymes from Mother Goose. Disponível em: <[https://nurseryrhymesmg.com/rhymes/peter\\_peter\\_pumpkin\\_eater.htm](https://nurseryrhymesmg.com/rhymes/peter_peter_pumpkin_eater.htm)>. Acesso em: 04 fev. 2023.

SIMPLE Simon (nursery rhyme). Disponível em: <[https://nursery-rhymes-wiki.fandom.com/wiki/Simple\\_Simon\\_\(nursery\\_rhyme\)](https://nursery-rhymes-wiki.fandom.com/wiki/Simple_Simon_(nursery_rhyme))>. Acesso em: 04 fev. 2023.

TALES FROM the Nursery - Part Twenty Four. Window Through Time, 2015. Disponível em: <<https://windowthroughtime.wordpress.com/tag/origin-of-wee-willie-winkie/>>. Acesso em: 04 fev. 2023.

TEARLE, Oliver. A Short Analysis of the “Hey Diddle Diddle” Nursery Rhyme. Interesting Literature. Disponível em: <<https://interestingliterature.com/2018/10/a-short-analysis-of-the-hey-diddle-diddle-nursery-rhyme-origins-history/>>. Acesso em: 04 fev. 2023.

TEARLE, Oliver. A Short Analysis of the ‘Hickory Dickory Dockery’ Nursery Rhyme. Interesting Literature. Disponível em: <<https://interestingliterature.com/2018/09/a-short-analysis-of-the-hickory-dickory-dock-nursery-rhyme-history-origins/>>.

Acesso em: 04 fev. 2023.

TEARLE, Oliver. A Short Analysis of the ‘Little Bo-Peep’ Nursery Rhyme. Disponível em: <<https://interestingliterature.com/2018/10/a-short-analysis-of-the-little-bo-peep-nursery-rhyme-origins-history/>>. Acesso em: 04 fev. 2023.

TEARLE, Oliver. A Short Analysis of the ‘Sing a Song of Sixpence’ Nursery Rhyme. Interesting Literature. Disponível em: <<https://interestingliterature.com/2018/10/a-short-analysis-of-the-sing-a-song-of-sixpence-nursery-rhyme-origins-history/>>.

Acesso em: 04 fev. 2023.

THE HISTORY of Tweedledum and Tweedledee. Poem Analysis. Disponível em: <<https://poemanalysis.com/lewis-carroll/tweedledum-and-tweedledee-history/>>. Acesso em: 04 fev. 2023.

THE QUEEN of Hearts (poem). Disponível em: <[https://nursery-rhymes-wiki.fandom.com/wiki/The\\_Queen\\_of\\_Hearts\\_\(poem\)](https://nursery-rhymes-wiki.fandom.com/wiki/The_Queen_of_Hearts_(poem))>. Acesso em: 04 fev. 2023.

THREE Little Kittens. Disponível em: <[https://nursery-rhymes-wiki.fandom.com/wiki/Three\\_Little\\_Kittens](https://nursery-rhymes-wiki.fandom.com/wiki/Three_Little_Kittens)>. Acesso em: 04 fev. 2023.

THREE Wise Men of Gotham. All Nursery Rhymes. Disponível em: <<https://allnurseryrhymes.com/three-wise-men-of-gotham/>>. Acesso em: 04 fev. 2023.

WHAT IS The Story Behind Hickory Dickory Dockery? Sporcle Blog, 2020. Disponível em: <<https://www.sporcle.com/blog/2020/02/what-is-the-story-behind-hickory-dickory-dock/>>. Acesso em: 04 fev. 2023.



Em seguida, para completar uma quantidade satisfatória de parlendas para serem trabalhadas, selecionamos algumas que foram apenas mencionadas, algumas apenas pelo nome e outras com alguma referência ou característica específica: *There Was an Old Lady*; *Little Bo-Peep*; *Wee Willie Winkie*; *Three Little Kittens*; *Three Wise Men of Gotham*; *Hey, Diddle, Diddle*; *There Was an Old Woman Lived Under a Hill*; *Georgie Porgie*; *I Do Not Like Thee. Doctor Fell*; *Little Miss Muffet*; *Little Boy Blue*; *Little Jack Horner*; *Tweedledee and Tweedledum*; *The Queen of Hearts*; *Mary Had a Little Lamb*; e *Tom, Tom, the Piper's Son*.

A escolha das *nursery rhymes* para este trabalho foi feita com base, primeiramente, na história do livro: utilizamos todas as que tinham valor semântico e maior importância para o desenrolar dos eventos. Quanto às que foram apenas mencionadas de passagem, selecionamos as que mais chamaram nossa atenção, tanto por considerarmos a temática trabalhada interessante, tanto pelas dificuldades de tradução que previmos que elas poderiam apresentar.

### 3.1 Nursery Rhymes que “ganham vida”

#### 3.1.1 Three Blind Mice

Texto fonte	Tradução
Three blind mice. Three blind mice.	Três ratos cegos. Três ratos cegos.
See how they run. See how they run.	Correm por aí. Correm por aí.
They all ran after the farmer's wife,	Tiraram a fazendeira do sério,
Who cut off their tails with a carving knife,	Que cortou os seus rabos sem mistério,
Did you ever see such a sight in your life,	Não parece mesmo um impropério,
As three blind mice?	Ver três ratos cegos?

Devido ao uso dessa parlenda no romance, era essencial que o seu sentido fosse conservado. Assim, na tradução, mantivemos três ratos cegos que correm e têm seus rabos cortados por uma mulher do campo. O penúltimo verso expressa o elemento absurdo de se ver

três ratos cegos, que mantivemos no mesmo verso na tradução, apenas transferindo para o último o verbo “ver”.

No terceiro verso, a solução que encontramos foi a expressão “tirar do sério”, que se conecta com o acontecimento narrado no livro. Para isso, optamos por trocar a “*carving knife*” pela expressão “sem mistério”, que não altera o sentido nesse contexto. O esquema de rimas, a visi-legibilidade e as repetições os dois primeiros versos, bem como no resto do poema, foram mantidos.

### 3.1.2 Peter, Peter, Pumpkin Eater

Texto fonte	Primeira tradução	Tradução final
Peter, Peter pumpkin eater, Had a wife but couldn't keep her; He put her in a pumpkin shell And there he kept her well.	Uma abóbora o Dário adora, A sua esposa só quer ir embora; Numa abóbora então a aprisionou, E lá dentro para sempre a guardou.	Uma abóbora o Dário adora, A sua esposa se vai toda hora; Numa abóbora então a aprisionou, E lá dentro para sempre a guardou.

Publicada pela primeira vez na Inglaterra no século XVIII, essa parlenda tem duas explicações possíveis: a esposa de Peter era infiel, então ele a aprisionou num cinto de castidade, chamado na época de *pumpkin shell*; ou ela era uma prostituta, tendo Peter matado-a e escondido o corpo dentro de uma abóbora.

Nesse poema, a imagem da mulher presa na abóbora é fundamental para o enredo do livro. Inicialmente, pensamos em “a sua esposa só quer ir embora” para o segundo verso, mas, após ler sobre a origem da parlenda, optamos por mudar para “a sua esposa se vai toda hora” para manter a conotação da infidelidade ou da prostituição. Ambas construções rimam com o verso anterior.

No primeiro verso, mudamos o nome do personagem para manter a aliteração presente nesse mesmo verso do texto fonte. A tradução do nome, nesse caso, foi possível pois o produtor que colheu a abóbora não se chama Peter, então essa mudança não causaria perda em relação à

história do livro. Assim, utilizamos o verbo “adora” para também manter a rima interna do verso, e nos baseamos nele para encontrar uma rima no segundo verso.

### 3.1.3 Rock-a-Bye Baby

Texto fonte	Tradução
Rock-a-bye baby, on the treetops, When the wind blows, the cradle will rock, When the bough breaks, the cradle will fall, And down will come baby, cradle and all.	Nana neném, no galho bem alto Quando há vento, o berço dá um salto, Quando quebra o galho, o berço cai E então ao chão o bebê se vai.

Possivelmente, a parlenda foi inspirada nos Kenyon, um casal inglês que, no século XVIII, foi morar com seus oito filhos numa grande e antiga árvore. Outra versão conta que o poema foi escrito por um garoto inglês que, ao chegar ao Novo Mundo, ou seja, ao que hoje é os Estados Unidos, se inspirou nos costumes das mães nativo-americanas de ninar seus bebês em bercinhos pendurados nos galhos mais baixos de uma árvore. Há ainda uma terceira versão que, como mencionada anteriormente, afirma que o poema foi feito durante a Revolução Gloriosa, na Inglaterra, e expressava a esperança de que o filho do rei Jaime II morresse para que o reinado pudesse ser derrubado.

Na tradução, decidimos traduzir “*rock-a-bye, baby*” por “nana neném”, pois ambas expressões têm o mesmo objetivo de fazer adormecer uma criança. Para a segunda parte do primeiro verso, primeiramente pensamos em algo como “no topo da árvore”, mas tivemos dificuldade em encontrar uma solução para o verso seguinte que rimasse com árvore. Por isso, optamos por “no galho bem alto”, pois também cria uma referência ao momento do livro em que George Cole está no alto de uma plataforma aérea. No segundo verso, para manter a rima, utilizamos a expressão “dar um salto”, que está no mesmo campo semântico de “balançar”.

No segundo e no terceiro verso, mantivemos a estrutura “quando x, y”, apenas mudando do tempo futuro para o presente, pois essa foi a solução que encontramos para que os versos não ficassem longos demais e atrapalhassem a métrica do poema. No último verso, utilizamos uma expressão sinônima ao verbo cair, sentido expressado por esse verso no texto fonte. Para que a rima e a métrica fossem mantidas, omitimos a última parte desse verso, que menciona

“*cradle and all*” – solução que também se encaixa no romance, pois o personagem é arremessado de cima da plataforma aérea pelo vento e aterrissa na cama elástica sozinho.

### 3.1.4 Humpty Dumpty

Texto fonte	Tradução A	Tradução B
Humpty Dumpty sat on a wall,	Humpty Dumpty, em cima do muro,	Humpty Dumpty, em cima do muro,
Humpty Dumpty had a great fall.	Humpty Dumpty caiu de maduro.	Humpty Dumpty caiu de maduro.
All the king’s horses and all the king’s men	Cavalos e cavaleiros tentaram,	Nem cavalo nem cavaleiro
Couldn’t put Humpty together again.	Mas remontá-lo não lograram.	Conseguiram montá-lo por inteiro.

A primeira coisa que decidimos manter foi o nome do personagem, pois ele é bastante mencionado no romance, e também o mantivemos no início dos dois primeiros versos. Para o primeiro verso imediatamente pensamos em “em cima do muro”, pois, apesar do canhão Humpty Dumpty ter sido posto numa torre, como já mencionado neste trabalho, na história do livro a figura do personagem estava sentado em cima de um muro. Com isso, em busca de algo para rimar com “muro”, sem muito esforço nos surgiu à mente a expressão “cair de maduro”, que, depois de refletir, nos pareceu adequada, pois é uma expressão tipicamente brasileira e muito usada ao se falar com crianças.

No terceiro verso, procuramos manter pelo menos uma parte da repetição do original, por isso optamos por duas palavras com a mesma raiz, “cavalo e cavaleiro”. A figura do rei nesse contexto não era relevante, portanto houve a possibilidade de omiti-lo. Quando ao último verso, ambas traduções nos pareceram adequadas, com as modificações de estruturas correspondentes no terceiro verso.

### 3.1.5 The Lion and the Unicorn

Texto fonte	Tradução

<p>The lion and the unicorn were fighting for the crown. The lion beat the unicorn all about the town. Some gave them white bread, and some gave them brown; Some gave them plum-cake, and drummed them out of town.</p>	<p>O leão e o unicórnio Brigavam pela coroa O leão derrotou o unicórnio Na beira da lagoa. De uns ganharam um pão, E de outros uma broa; Comeram um bolo, E foram expulsos por uma pessoa.</p>
--	--

Na tradução, o importante a manter, seguindo os elementos relevantes à história do livro, era a briga do leão contra o unicórnio pela coroa – assim, o principal desafio com o qual nos deparamos foi encontrar palavras que rimassem com “coroa”. Por essa razão, “*town*” virou “lagoa”, que é um elemento que pode ser encontrado em cidades. O “*brown [bread]*” virou uma “broa”, em um processo de domesticação do alimento.

Para que essas alterações funcionassem, e também por motivos de métrica, os sujeitos da segunda metade da parlenda tiveram que ser mudados. Assim, essa alteração possibilitou a utilização de “pessoa” ao final do último verso, para completar as rimas com “coroa”.

### 3.1.6 Sing a Song of Sixpence

Texto fonte	Tradução
<p>Sing a song of sixpence, A pocket full of rye, Four and twenty blackbirds Baked in a pie.</p> <p>When the pie was opened The birds began to sing— Wasn't that a dainty dish To set before the king?</p>	<p>Seis centavos da sorte, No bolso com aveia, De vinte e quatro pássaros A torta está cheia.</p> <p>Quando a torta foi aberta, Cantaram os pássaros em inglês— Que prato mais requintado Para ser servido ao rei!</p>

<p>The king was in the counting-house  Counting out his money,  The queen was in the parlor  Eating bread and honey,</p> <p>The maid was in the garden  Hanging out the clothes.  Along came a blackbird  And snipped off her nose.</p>	<p>O rei estava concentrado  Contando seu tesouro;  A rainha fazia um piquenique  Ao lado do bebedouro.</p> <p>A criada estendia as roupas  Bem longe do chafariz.  Um pássaro apareceu  E pegou seu nariz.</p>
---	---

Além da possível origem política para essa parlenda, há uma outra história que aponta um costume da Idade Média, em que chefes de cozinha preparavam refeições criativas e pomposas para os banquetes reais para impressionar a realeza; houve um tempo em que essas refeições incorporavam pássaros vivos assados dentro de tortas para que, quando elas fossem cortadas, os animais saíssem voando.

Por questões de rima, traduzimos “rye” para “aveia” em vez de “centeio”, pois essa parte não é relevante para o momento na história, e, com essa mesma lógica, prosseguimos com os demais versos do poema. Na segunda estrofe, adicionamos o sentido de os pássaros cantarem em inglês, acrescentando certo teor lúdico ao conteúdo.

Na terceira estrofe, omitimos a localização do rei e acrescentamos uma característica a ele, que poderia ser inferida do contexto. Além disso, trocamos a explicitação do conteúdo da refeição da rainha, “*bread and honey*”, por um termo mais generalizado, “piquenique”. Para o último verso, tivemos dificuldade para encontrar algum termo adequado que rimasse com “dinheiro”, nossa primeira opção para o segundo verso. Então, mudamos este para “tesouro” ao pensarmos em “bebedouro”, um elemento que pode ser encontrado em locais onde são feitos piqueniques.

Já na quarta estrofe, alternamos os sentidos dos dois primeiros versos, colocando a localização da criada no segundo e seus afazeres no primeiro. Era necessário que mantivéssemos o elemento do nariz, graças à menção de Ezequiel no livro, então, para o segundo verso, pensamos em “chafariz”. Para que essa escolha fizesse sentido, decidimos que o verso ficaria “Bem longe do chafariz”, pois não há lógica em estender roupas perto de algo que as possa molhar novamente.

### 3.1.7 Jack Be Nimble

Texto fonte	Tradução
Jack be nimble, Jack be quick, Jack jump over The candlestick.	Seja bem ágil, E seja especial, Pule por cima Do castiçal.

Acredita-se que essa parlenda trata do pirata Black Jack, que costumava escapar dos oficiais da coroa britânica com facilidade. No livro, o nome de Jack não era importante, por isso achamos pertinente omiti-lo para manter a métrica e visi-legibilidade do poema. Mantivemos os verbos no infinitivo e adaptamos o adjetivo da segunda estrofe para “especial” para que rimasse com “castiçal” no último verso, um elemento essencial para esse poema no contexto do romance.

### 3.2 *Nursery Rhymes* usadas como inspiração

#### 3.2.1 Simple Simon

Texto fonte	Tradução
Simple Simon met a pieman, Going to the fair;  Says Simple Simon to the pieman, “Let me taste your ware” Says the pieman to Simple Simon, “Show me first your penny.” Says Simple Simon to the pieman, “Indeed I have not any.”  Simple Simon went a-fishing	Simples Simon viu um padeiro Chegando na feira;  Simples Simon disse ao padeiro: “A sua torta é caseira?” A Simples Simon respondeu o padeiro: “Quer provar e comprovar?” E disse Simples Simon ao padeiro: “Mas não tenho como pagar.”  Simples Simon foi à pesca

For to catch a whale: All the water he had got Was in his mother's pail.	Fisgar uma baleia Para que não precisasse Pegar a água alheia
--	---

Duas possíveis inspirações para essa parlenda são uma história chamada *Simple Simon's Misfortunes and his Wife Margery's Cruelty*, publicada em um *chapbook*, na Inglaterra, em 1685; e um mendigo do século XVIII chamado Simon Edy.

Como o sobrenome da personagem do livro é Simon, era importante manter o nome do personagem do poema. Como “simples” é uma palavra parecida com “*simple*”, não tivemos problemas para utilizá-la. Optamos pela palavra “padeiro” para traduzir “*pieman*”, pois “confeiteiro” é uma palavra muito grande que atrapalharia a métrica. Para rimar com “feira”, pensamos na palavra “caseira”, por isso movemos, na segunda estrofe, o sentido do segundo verso para o quarto e mantivemos no último verso da estrofe o sentido monetário. Na última estrofe, era importante manter a figura da baleia e, para rimar com a palavra, pensamos em “alheia”. Para fazer isso funcionar, modificamos um pouco o sentido dos dois últimos versos, já que a mãe de Simple Simon não era relevante nesse contexto.

### 3.2.2 Jack and Jill

Texto fonte	Tradução
Jack and Jill went up the hill To fetch a pail of water. Jack fell down and broke his crown, And Jill came tumbling after.	Jack, com Jill, a colina subiu Para pegar água do poço. Jack rolou e a cabeça quebrou, E Jill o seguiu em alvoroço.
Up Jack got, and home did trot, As fast as he could caper, To old Dame Dob, who patched his nob With vinegar and brown paper.	Jack se ergueu e para casa correu, Levando consigo seu fardo. A dona Carola curou sua cachola Com vinagre e papel pardo.

Acredita-se que a parlenda conte a história de dois jovens que não eram casados e subiram a colina para ficarem juntos. “Jill” engravidou, “Jack” morreu por conta de uma pedra



que caiu em sua cabeça e, depois, “Jill” morreu no parto. Também há a já mencionada versão política, sobre o rei da França Luís XVI e Maria Antonieta.

No livro, no entanto, os personagens Jacob Stone e Gillian Fell discutem sobre a origem desse poema. Fell logo descarta a história sobre a decapitação, e comenta que há diversas teorias que apontam para o mito nórdico de Hjúki e Bil. Eles também mencionam a aparição dos nomes “Jack” e “Jill” em peças de Shakespeare, e o tema recorrente de poços e colinas nas parlendas de Mother Goose.

Esses dois personagens utilizam o poema *Jack and Jill* para procurar por uma parte do livro original da Mother Goose. Por conta de seus nomes serem similares aos da parlenda, achei importante manter os nomes Jack e Jill. Eles estão no condado de Northumberland, na Inglaterra, onde, por ser fronteira com a Escócia, há muitas fortalezas militares antigas que ficam no topo de colinas, onde eles deduzem que há poços onde o livro possa estar escondido; logo, a importância de os personagens do poema subirem a colina para pegar água, com a explicitação da figura do poço que estava subentendida no original.

No primeiro verso, pensamos em rimar “Jill”, para manter a rima interna, com um verbo de terceira conjugação no passado da terceira pessoa do singular, então deixamos Jack como o sujeito e Jill como um complemento. Como no segundo verso incluímos o poço, no quarto, para manter a rima, optamos por utilizar a expressão “sem alvoroço”, da qual se pode deduzir que foi feito de maneira rápida – sentido expressado pelo verbo “*tumble*”, que, de acordo com o Cambridge Dictionary, significa “*to fall quickly and without control*”<sup>3</sup>. No terceiro verso, optamos pelo verbo “rolar” para manter a rima interna, após inverter a segunda parte do verso.

Enquanto Jake e Gillian estão no poço após encontrarem as páginas que estavam procurando, a figura da Mother Goose aparece e os ataca, e, depois de eles lhe entregarem o livro, ela os concede um frasco de vinagre e um rolo de papel pardo para que eles escapem do perigo. Assim, era também importante manter essa parte da parlenda. Portanto, para que o segundo verso da estrofe rimasse com “pardo”, pensamos em incluir a palavra “fardo”, que, no contexto, poderia se referir ao balde de água mencionado anteriormente no poema.

Para a penúltima estrofe do poema, como uma tradução para “*nob*”, pensamos em “cachola”, uma palavra bastante usada em contextos de músicas e brincadeiras infantis. Assim, como “old Dame Dob” não era uma personagem no livro, tomamos a liberdade de transformá-

---

<sup>3</sup> TUMBLE. Cambridge Dictionary. Disponível em: <<https://dictionary.cambridge.org/us/dictionary/english/tumble>>. Acesso em: 09 fev. 2023.

la em “dona Carola”, um nome no qual pensamos para também manter a rima interna do verso, bem como a aliteração.

### 3.2.3 There Was a Crooked Man

Texto fonte	Tradução
<p>There was a crooked man, and he walked a crooked mile,            He found a crooked sixpence against a crooked stile;            He bought a crooked cat which caught a crooked mouse,            And they all lived together in a little crooked house.</p>	<p>Andava um homem torto, torta era a estrada,            Viu seis centavos tortos na torta escada;            Comprou um torto gato que pegou um rato torto,            E viveram todos juntos na casa torta de teto torto.</p>

Primeiramente, mantivemos a repetição do adjetivo “*crooked*”. Para que houvesse variação das estruturas dos versos, bem como das rimas, como acontece em inglês, variamos a ordem dos substantivos com o adjetivo “torto/a”. Assim, utilizamos as palavras “estrada” e “escada” nos dois primeiros versos. Enquanto os dois personagens do romance percorriam a casa, Cassandra, uma entusiasta da matemática, percebe vários padrões de seis, logo a importância de manter o sentido de *sixpence*.

No último verso, explicitamos o teto da casa, com base tanto na casa apresentada no livro quanto no sentido implícito de que se a casa é torta também é torto o seu teto. Quanto ao terceiro verso, a presença do rato era especialmente importante para o enredo do livro, pois os dois personagens também encontram pistas na parlenda *Hickory, Dickory, Dock*, que também menciona o roedor, e relacionam os dois poemas.

### 3.2.4 Hickory, Dickory, Dock

Texto fonte	Primeira tradução	Tradução final
Hickory, dickory, dock,	Pira, pira, pora,	Um, dois, terceiro

The mouse ran up the clock, The clock struck one, The mouse did run, Hickory, dickory, dock.	O rato foi ver as horas, O relógio bateu, O ratinho correu, Pira, pira, pora.	O rato subiu no ponteiro, À uma o relógio bateu, Para longe o ratinho correu, Um, dois, terceiro.
---	--	--

A parlenda é usada por crianças para contar o tempo no relógio. É possível que o primeiro e o último versos tenham sido inspirados nos criadores de ovelhas do nordeste da Inglaterra, que usavam as palavras “*Hevera*”, “*Devera*” e “*Dick*”, do cumbrio, para contar seu rebanho. Quanto aos demais versos do poema, especula-se que tratem de Richard Cromwell, filho do Lorde Protetor da Inglaterra no século XVII Oliver Cromwell. Após a morte de seu pai, Richard, que era descrito como tímido e “*mouse-like*”, foi nomeado novo Lorde Protetor, tendo renunciado e deixado o país nove meses depois.

Inicialmente, pensamos arbitrariamente em “Pira pira pora” nos primeiro e último versos, para rimar com “horas”, no segundo; assim, foi necessário mencionar o relógio no terceiro verso, então omitimos o horário em que o relógio bateu. Após lermos sobre a possível história de origem da rima, procurei uma solução que exprimisse a ideia de contagem. Pensamos em “terceiro” para rimar com “ponteiro” no segundo verso, para continuar no campo lexical do relógio. Como “primeiro, segundo, terceiro” tornaria o verso grande demais para a métrica do poema, optamos por “um, dois, terceiro”.

No entanto, ao voltarmos ao livro, percebemos que a hora no poema era relevante, pois Cassandra move o ponteiro com base na parlenda. Assim, adicionamos “à uma” no terceiro verso e “para longe” no quarto verso, para que seu ritmo fosse mantido com a modificação baseada na história.

### 3.3 *Nursery Rhymes* mencionadas

#### 3.3.1 There Was an Old Lady

Texto fonte	Tradução
There was an old woman who lived in a shoe.	Havia uma velha, um sapato era sua casa.

<p>She had so many children, she didn't know what to do;</p> <p>She gave them some broth without any bread;</p> <p>Then whipped them all soundly and put them to bed.</p>	<p>Os muitos filhos dela só faziam pirraça;</p> <p>Lhes deu uma sopa sem ter nenhum pão;</p> <p>E os botou na cama com um safanão.</p>
---	--

Nesse poema, o foco semântico principal era o grande sapato em que ela vivia, representado no parque de diversões temático no livro. Mantivemos esse elemento relevante para a narrativa, mas também conservamos o significado geral do poema, para manter a linha de tradução geral do trabalho.

Inicialmente, tentamos manter a ordem sintática do primeiro verso, mas tivemos dificuldade em encontrar uma rima para “sapato”, então prosseguimos ao segundo verso. Neste, a solução que encontramos foi uma explicitação com a palavra “pirraça”, que concluímos que poderia ser uma rima adequada para “casa”, então adaptamos o primeiro verso. Quanto ao último verso, o substantivo “safanão” foi a solução encontrada para manter a rima, pois não conseguimos encontrar uma rima para “cama”.

### 3.3.2 Little Bo-Peep

Texto fonte	Primeira tradução	Tradução final
<p>Little Bo-Peep has lost her sheep,</p> <p>And can't tell where to find them;</p> <p>Leave them alone, and they'll come home,</p> <p>Wagging their tails behind them.</p>	<p>Violetinha perdeu as ovelhinhas,</p> <p>E por elas está procurando;</p> <p>Pare de buscar que elas vão voltar,</p> <p>Com os seus rabinhos abanando.</p>	<p>“Cadê as ovelhinhas?”, pensou Violetinha,</p> <p>“Eu não as estou achando.”</p> <p>Pare de buscar que elas vão voltar,</p> <p>Com os seus rabinhos abanando.</p>

A origem dessa história pode ter sido de uma brincadeira feita com bebês, em que se coloca um lenço na cabeça da criança e se diz “Bo!”, e em seguida retirando-o, falando “Peep!”, repetidamente.

Como essa parlenda é usada por George Cole para seu nome artístico, Bo-Peeps, procuramos um nome que se encaixasse no poema e que poderia ser usado por Cole como nome artístico, para o qual pensamos em algo como VioLetZ, que também carrega sonoridade parecida com “ovelha”. Além disso, mantivemos a ordem dos elementos no verso.

Após a pesquisa sobre a origem da parlenda, tentamos alterar o nome da personagem para que fizesse referência à clássica brincadeira que brasileiros fazem com bebês, em que dizem “Cadê? Achou!”, similar à brincadeira mencionada. Porém, nos deparamos com muita dificuldade para encontrar um nome que se parecesse com essas expressões, então decidimos modificar a estrutura dos dois primeiros versos para que pudéssemos manter essa referência. Ainda mantendo o nome da personagem, acrescentamos uma fala com a palavra “cadê”, e no segundo verso utilizamos o verbo “achar”.

No terceiro verso, utilizamos expressões sinônimas para a tradução – “parar de buscar” para “*leave them alone*” e “voltar” para “*come home*”. No último verso, omitimos a última parte, “*behind them*”, para manter a métrica e a rima com o verbo no segundo verso.

### 3.3.3 Wee Willie Winkie

Texto fonte	Tradução
<p>Wee Willie Winkie runs through the town, Upstairs and downstairs, in his nightgown; Rapping at the window, crying through the lock, “Are the children in their beds? Now it’s eight o’clock.”</p>	<p>Nano Nanão pelas ruas vai seguir, Para cima e para baixo, de roupa de dormir; Batendo nas janelas e fazendo alarde, “As crianças estão na cama? Oito horas já é tarde.”</p>

Acredita-se que esse poema foi criado para convencer as crianças a irem dormir. Para a tradução, optamos por traduzir o nome de Wee Willie Winkie para Nano Nanão, por associação com “nanar”, o verbo usado por crianças para “dormir”, pois o personagem está associado com o ato de dormir e mandar crianças para a cama. Ainda no primeiro verso, a inversão foi feita para que rimasse com o segundo, em que “*nightgown*” foi traduzido por “roupa de dormir”. Por questão de encontrar duas palavras que rimassem para o terceiro e o quinto versos,

generalizamos o sentido de “*cry through the door*” para “fazer alarde”, e explicitamos que “oito horas já é tarde”, sentido que fica implícito no texto fonte.

### 3.3.4 Three Little Kittens

Texto fonte	Tradução
<p>The three little kittens, they lost their mittens,            And they began to cry,            "Oh, mother dear, we sadly fear,            That we have lost our mittens."            "What! Lost your mittens, you naughty kittens!            Then you shall have no pie."            "Meow, meow, meow."            "Then you shall have no pie."</p>	<p>As três gatinhas perderam as luvinhas,            E começaram a chorar,            “Ah, mamãe nossa, não nos faça troça,            Pois perdemos nossas luvinhas.”            “O quê? Perderam as luvinhas, suas danadinhas!            Vão ficar sem torta.”            “Miau, miau, miau.”            “Vão ficar sem torta.”</p>
<p>The three little kittens, they found their mittens,            And they began to cry,            "Oh, mother dear, see here, see here,            For we have found our mittens."            "Put on your mittens, you silly kittens,            And you shall have some pie."            "Purr, purr, purr,            Oh, let us have some pie."</p>	<p>As três gatinhas acharam as luvinhas,            E começaram a gritar,            “Ah, mamãe nossa, não nos faça troça,            Pois achamos nossas luvinhas.”            “Coloquem as luvinhas, suas bobinhas,            E comam sua torta.”            “Rom-rom-rom,            Vamos comer torta.”</p>
<p>The three little kittens put on their mittens,            And soon ate up the pie,            "Oh, mother dear, we greatly fear,            That we have soiled our mittens."</p>	<p>As três gatinhas calçaram as luvinhas,            E a torta foram atacar,            “Ah, mamãe nossa, não nos faça troça,            Pois sujamos nossas luvinhas.”</p>

<p>"What, soiled your mittens, you naughty kittens!"</p> <p>Then they began to sigh,</p> <p>"Meow, meow, meow,"</p> <p>Then they began to sigh.</p> <p>The three little kittens, they washed their mittens,</p> <p>And hung them out to dry,</p> <p>"Oh, mother dear, do you not hear,</p> <p>That we have washed our mittens?"</p> <p>"What, washed your mittens, then you're good kittens,</p> <p>But I smell a rat close by."</p> <p>"Meow, meow, meow,</p> <p>We smell a rat close by."</p>	<p>“O quê? Sujaram as luvinhas, suas danadinhas!”</p> <p>E saíram pela porta.</p> <p>“Miau, miau, miau.”</p> <p>E saíram pela porta.</p> <p>As três gatinhas lavaram as luvinhas,</p> <p>E as deixaram para secar,</p> <p>“Ah, mamãe nossa, não nos faça troça, Pois lavamos nossas luvinhas.”</p> <p>“Ah, lavaram as luvinhas, que boas gatinhas!</p> <p>Mas um rato está à porta.”</p> <p>“Miau, miau, miau,</p> <p>Um rato está à porta.”</p>
--	---

Esse poema é considerado uma alegoria à educação de crianças da burguesia na Inglaterra do século XIX. No livro, as figuras dos *kittens* são mencionadas no parque temático de Mother Goose.

Primeiramente, optamos sem dificuldade por deixar o elemento “gatos” no diminutivo, pois o original contém a palavra “*little*”. Em seguida, por causa das “luvas”, que são um elemento importante no poema, decidimos transformar os “gatos” em “gatinhas”, colocando assim as “luvas” também no diminutivo para formar a rima.

Para o segundo verso de cada estrofe, optamos por um verbo no infinitivo ao final para manter as rimas entre as estrofes. Para o terceiro verso de cada estrofe, tivemos dificuldades em encontrar palavras que rimassem com “mãe” e “mamãe”, então decidimos utilizar o pronome “nossa”, invertendo a posição dele com o substantivo. Para rimar, fizemos algumas pesquisas e optamos pela palavra “troça”, cujo sentido adicionado ao poema não modifica de maneira expressiva o significado geral.

Os versos número 4 de cada estrofe não apresentaram grande dificuldade, pois encontramos verbos que expressam o sentido desejado e apresentam a mesma quantidade de sílabas quando conjugados no pretérito da primeira pessoa do plural. Para as falas da mãe no quinto verso de

cada estrofe, mantivemos as luvinhas mas utilizamos diferentes palavras para que ela se referisse às gatinhas. Nos últimos versos, utilizamos “torta” para “pie”, e optamos por rimar com “porta” nas outras estrofes.

### 3.3.5 Three Wise Men of Gotham

<b>Texto fonte</b>	<b>Tradução</b>
Three wise men of Gotham Went to sea in a bowl; And if the bowl had been stronger My song would have been longer.	Os três sábios de Gotham Foram ao mar numa tigela; E se a tigela fosse mais segura Teríamos uma rima que dura.

A origem dessa parlenda vem da vila de Gotham, em Nottinghamshire, na Inglaterra. Os moradores tentavam evitar uma visita do rei João, pois ela significaria a construção de uma rodovia no local; então, sempre que os mensageiros do rei apareciam, os moradores faziam todo tipo de coisas sem sentido, fingindo serem loucos.

A tradução dessa parlenda foi mais simples. A única modificação do óbvio que fizemos foi nos dois últimos versos, onde, ao refletir sobre eles em conjunto, chegamos a “uma rima que dura” no último, uma opção que expressa sentido semelhante ao verso de chegada. Nessa mesma linha, utilizamos o adjetivo “segura” para a tigela, que carrega um sentido que também está implícito na parlenda.

### 3.3.6 Hey, Diddle, Diddle

<b>Texto fonte</b>	<b>Tradução</b>
Hey, diddle, diddle, The cat and the fiddle, The cow jumped over the moon; The little dog laughed	Vira, vira, Lino O gato e o violino, A vaca pulou sobre a lua; O cãozinho sorriu



To see such sport, And the dish ran away with the spoon.	Ao ver tal façanha, E a colher e o prato fugiram pela rua.
---	---

A origem mais plausível para essa parlenda é a de que ela vem de um jogo muito popular em *pubs* na Inglaterra, em que há uma bola chamada de “*cat*”, que é acompanhado de música tocada em violinos. De modo geral, o poema foi feito de modo a não fazer muito sentido lógico, por isso elementos absurdos, como a vaca pulando por cima da lua, e o primeiro verso, que não tem significado.

Assim, no primeiro verso, procuramos por algo que rimasse com “violino”, e pensamos na repetição de “vira” para manter a sonoridade com o primeiro som de “violino”. No quarto verso, em vez de usar o verbo “rir”, utilizamos “sorriu” para manter a métrica. No último verso, adicionamos a palavra “rua” para rimar com “lua”, no terceiro verso, e mantivemos as figuras do prato e da colher, que foram vistos por Eve Baird no livro.

### 3.3.7 There Was an Old Woman Lived Under a Hill

Texto fonte	Tradução
There was an old woman Lived under a hill; And if she’s not gone, She lives there still.	Havia uma velha Debaixo da colina; Lá era a sua casa, Essa era sua rotina.
Baked apples she sold, And cranberry pies, And she’s the old woman That never told lies.	Ela vendia maçãs E tortas de lichia. Ela era a mulher Que nunca mentia.

Essa parlenda é apenas mencionada na história, quando a personagem Gillian Fell comenta sobre a recorrente aparição de *hill* nos trabalhos de Mother Goose. Como o resto do conteúdo não é importante, pudemos tomar uma maior liberdade na tradução, como nos dois últimos versos da primeira estrofe. Porém, mesmo omitindo o sentido redundante desses versos

no original, ao mencionar que era sua casa, mantivemos o sentido perdido anteriormente de que ela morava debaixo da colina; do mesmo modo, a implicação da rotina confirma que é o local onde ela habita.

Apesar de desviar um pouco do sentido original na primeira estrofe, ainda queríamos manter o máximo possível do significado, o que fizemos com a segunda estrofe. Apenas mudamos o sabor das tortas e omitimos o fato de as maçãs serem assadas, por conta de métrica e rima.

### 3.3.8 Georgie Porgie

Texto fonte	Tradução
Georgie Porgie, Puddin' and Pie, Kissed the girls and made them cry, When the boys came out to play, Georgie Porgie ran away.	Jorginhozinho, pudim de cereja, As garotas choram quando ele as beija; Quando os garotos foram brincar, Jorginhozinho fugiu de lá.

No livro, a parlenda é apresentada como uma breve menção, em que o personagem George Cole faz um trocadilho com o seu nome e referencia o segundo verso. Para a tradução, com base na possível origem da parlenda já mencionada no trabalho, optamos por traduzir o nome de Georgie Porgie, pois, tradicionalmente, os nomes dos reis são aporuguesados, e adicionamos o duplo diminutivo do nome composto.

Para a segunda parte do primeiro verso, pensamos primeiro em algo como “pão e pudim” ou “pudim e pão” para manter a sonoridade da letra “p”, mas acabamos optando por “pudim de cereja” quando não encontramos rimas para as opções anteriores, e sim algo que rimasse com o verbo “beijar”, que foi a nossa solução para o segundo verso. Assim, também mantivemos a referência a um doce.

Os dois últimos versos foram mais trabalhosos, por algum tempo não sabíamos como traduzi-los; por fim pensamos no verbo “fugir” e completamos com “de lá”, o que nos possibilitou encontrar algum verbo de primeira conjugação e deixá-lo no infinitivo. Também tivemos certa dificuldade em encontrar um verbo adequado para formar o terceiro verso, até que decidimos por manter o sentido estrito do poema original.

### 3.3.9 I Do Not Like Thee, Doctor Fell

Texto fonte	Tradução
I do not like thee, Doctor Fell, The reason why I cannot tell; But this I know, and know full well, I do not like thee, Doctor Fell.	Não gosto de você, Doutor Fell, Para você não tiro o chapéu; O motivo para isso não tiro do papel, Mas não gosto de você, Doutor Fell.

Acredita-se que a origem dessa parlenda venha do século XVII, quando Tom Brown, um estudante da Universidade Oxford, escreveu esse poema sobre o reitor da universidade, John Fell. A história conta que Fell queria expulsar Brown, mas antes passou como tarefa a tradução de um poema do latim, o qual Brown traduziu e mais tarde se inspirou para escrever *I Do Not Like Thee, Doctor Fell*.

Na tradução, mantivemos o nome do doutor, para que ficasse igual à personagem do romance, Gillian Fell, a quem Jacob Stone relaciona o poema. Então, precisamos encontrar palavras que rimassem com esse nome. Quando nos lembramos da palavra “chapéu”, pensamos logo na expressão “tirar o chapéu”, que decidimos aplicar no poema. Após pensar mais um pouco, decidimos usar a palavra “papel” para construir o terceiro verso e, assim, usamos esse verso para expressar a dúvida do eu lírico quanto ao motivo para não gostar do Doutor Fell. Assim, invertemos, na tradução, os sentidos do segundo e do terceiro versos do original, mas ainda assim mantendo, no terceiro verso, a dúvida do eu lírico e, no segundo verso, a reafirmação de seus sentimentos pelo doutor.

### 3.3.10 Little Miss Muffet

Texto fonte	Tradução
Little Miss Muffet Sat on a tuffet, Eating her curds and whey; Along came a spider, Who sat down beside her	Muffet, a menina, Sentou na colina, Comendo coalhada e fubá; Chegou uma aranha, Que sem fazer manha,

And frightened Miss Muffet away.	Assustou a menina de lá.
----------------------------------	--------------------------

Acredita-se que essa parlenda tenha origem no entomologista britânico Thomas Muffet, que publicou o primeiro guia ilustrado de insetos de língua inglesa. Especula-se que *Miss Muffet* era uma de suas enteadas, que pode ter se assustado com uma das aranhas que o padraсто estudava.

Na tradução, tentamos manter o nome da personagem por conta da origem da parlenda e acrescentamos uma explicitação de que se trata de uma menina. Para o segundo verso, a definição do Collins Dictionary para *tuffet*, em inglês britânico, é: “*a small mound or low seat*”<sup>4</sup>; já uma das definições em inglês britânico do mesmo dicionário para *mound* é: “*a small natural hill*”<sup>5</sup>. Assim, concluímos que “colina”, que rima com “menina”, seria uma tradução adequada para “*tuffet*”.

Para o quinto verso, pensamos em uma palavra que rimasse com “aranha”, então sacrificamos o sentido que não era essencial à história do livro e chegamos à expressão “sem fazer manha”. Para “*away*”, no último verso, pensamos em “de lá” e, com essa rima em mente, adicionamos “fubá” ao terceiro verso, pois o alimento da menina também não é relevante para o livro.

### 3.3.11 Little Boy Blue

Texto fonte	Tradução
Little Boy Blue, Come blow your horn! The sheep’s in the meadow, The cow’s in the corn. Where is that boy Who looks after the sheep? He’s under the haystack,	Garotinho Azul Toque a sua corneta! A ovelha está lá no sul E a vaca com as violetas. Onde está o garoto Que toma conta das ovelhas? Ele está dormindo

<sup>4</sup> TUFFET. Collins Dictionary. Disponível em: <<https://www.collinsdictionary.com/pt/dictionary/english/tuffet>>. Acesso em: 04 fev. 2023.

<sup>5</sup> MOUND. Collins Dictionary. Disponível em: <<https://www.collinsdictionary.com/pt/dictionary/english/mound>>. Acesso em: 04 fev. 2023.

Fast asleep.	Atrás das sacas vermelhas.
--------------	----------------------------

Foi encontrada certa similaridade entre essa parlenda e um trecho<sup>6</sup> da peça Rei Lear de Shakespeare, que apresentam o mesmo tema de um pastor que não está cuidando de suas ovelhas. Como a parlenda também só é utilizada no livro quando os personagens são atacados no parque de diversões, as rimas foram os elementos com os quais mais nos preocupamos na tradução. Primeiramente, no entanto, o nome pôde ser traduzido “literalmente”.

Para que o terceiro verso rimasse com “azul”, utilizamos “sul”, que manteve a referência de localização, e “*corn*” mudamos para “violetas”, que também é uma planta. Também por conta das rimas, a solução que encontramos foi transferir o sentido do último verso para o penúltimo e vice-versa, pois pensamos em “vermelhas” como uma rima para “ovelhas”. Então, para que o verso fizesse sentido e para manter a métrica, “*haystack*” foi traduzido por “sacas”.

### 3.3.12 Little Jack Horner

Texto fonte	Tradução
Little Jack Horner Sat in the corner, Eating a Christmas pie; He put in his thumb, And pulled out a plum, And said “What a good boy am I!”	Pequeno João Sentado no chão, Comendo uma torta de ameixa. Nela enfiou o dedo, E o lambeu sem medo, Dizendo “de mim ninguém se queixa!”

Acredita-se que Jack Horner na verdade era Thomas Horner, o mordomo do abade de Glastonbury, que foi enviado com uma torta de Natal para ser entregue ao rei Henrique VIII, dentro da qual estavam as escrituras de doze mansões. No caminho, Horner roubou uma das escrituras e depois se mudou para a mansão à qual ela se referia.

No livro, a figura de Little Jack Horner aparece no parque temático de Mother Goose e ataca os personagens. Na tradução, o nome escolhido para o personagem foi um nome comum

<sup>6</sup> “*Sleepest or wakest thou, jolly shepherd?  
 Thy sheep be in the corn;  
 And for one blast of thy minikin mouth,  
 Thy sheep shall take no harm.*”

em língua portuguesa, já que, originalmente, o nome da pessoa que inspirou o poema foi mudado para um que também é comum. No terceiro verso, omitimos o fato de ser uma torta de Natal por não ter relevância no romance e antecipamos a presença da ameixa no doce.

Como a ameixa do quarto verso já havia sido passada ao terceiro, não a mencionamos e fizemos uma espécie de explicitação, pois um dos sentidos que pode ser inferido desta parte é que o garoto comerá a ameixa retirada. O último verso foi pensado para rimar com “ameixa”, no terceiro – a fala do personagem parte do princípio de que “ninguém se queixa” de um “bom garoto”.

### 3.3.13 Tweedledum and Tweedledee

Texto fonte	Tradução
<p>Tweedle-dum and Tweedle-dee            Resolved to have a battle,            For Tweedle-dum said Tweedle-dee            Had spoiled his nice new rattle.            Just then flew by a monstrous crow,            As big as a tar-barrel,            Which frightened both the heroes so            They quite forgot their quarrel.</p>	<p>Tweedle-dum e Tweedle-dee            Travaram uma batalha,            Pois Tweedle-dum disse que Tweedle-dee            Quebrou a sua chocalha.            Por lá um corvo monstruoso voou,            Grande como um cabrito,            E tanto os nossos heróis assustou,            Que até esqueceram seu conflito.</p>

Tweedledum e Tweedledee apareceram primeiramente em um poema escrito por John Byrom em 1876 sobre os músicos George Frideric Handel e Giovanni Bononcini. No entanto, os personagens ganharam fama quando Lewis Carroll os incorporou ao seu livro *Through the Looking-Glass*.

Primeiramente, com base em traduções brasileiras e adaptações do livro de Carroll que os tornou conhecidos, mantivemos os nomes dos personagens, pois assim são chamados nelas. Já nos outros versos, tomamos a liberdade de utilizar no quarto verso o substantivo “chocalha” em sua versão feminina, apesar da versão masculina ser mais conhecida e utilizada, para manter a rima com “batalha”; para o último verso, pensei em “conflito” como uma opção para a tradução de “*quarrel*”, e, para manter a rima, pensamos na palavra “cabrito” como uma das possibilidades, que aplicamos no sexto verso como uma comparação para o tamanho exagerado

do corvo que passou – julgamos essa comparação válida, pois tradicionalmente o tamanho de um corvo é bem menor que o de um cabrito.

### 3.3.14 The Queen of Hearts

Texto fonte	Tradução
The Queen of Hearts, She made some tarts, All on a summer's day; The Knave of Hearts, He stole the tarts, And took them clean away.	A Rainha de Copas Assou umas tortas, Num belo dia bem quente; O Valete de Copas Roubou essas tortas, E se fez de inocente.
The King of Hearts Called for the tarts, And beat the Knave full sore; The Knave of Hearts Brought back the tarts, And vowed he'd steal no more.	O Rei de Copas Queria as tortas, E fez o Valete apanhar; O Valete de Copas Devolveu as tortas, E jurou não mais roubar.

A parlenda é baseada nos personagens dos baralhos: a Rainha de Copas, o Rei de Copas e o Valete de Copas. No livro, esses três personagens são mencionados como alguns dos manequins que tentam atacar os personagens do romance.

Inicialmente, não tivemos problemas com as traduções imediatas das palavras “*hearts*” e “*tarts*”, afinal “copas” e “tortas” também rimam em português. O primeiro problema que tivemos foi quanto aos terceiro e sexto versos da primeira estrofe. Num primeiro momento, tentamos traduzir o terceiro verso como “num belo dia de verão”, mas tive dificuldade em encontrar um verso que parecesse adequado com uma palavra que rimasse com “verão”; assim, resolvi tentar algo que terminasse com a palavra “quente”, que mantém a ideia de um dia de verão. Encontramos a palavra “inocente”, que achamos apropriada nesse contexto de roubo, e imaginamos que, se um valete roubasse as tortas da rainha, ele se faria de inocente, então foi justamente o que utilizamos.

Para a segunda estrofe, a solução que encontramos foi a de rimar os verbos no infinitivo, pois julgamos que os versos ficariam longos demais para a métrica da parlenda. O primeiro verbo em que pensamos foi “apanhar”, que coincide com o original, em que o Rei bate no Valete. Em seguida, a escolha do verbo “roubar” nos pareceu a escolha óbvia, pois foi o que o Valete fez com as tortas. De maneira geral, as demais partes do poema puderam ser traduzidas tranquilamente sem maiores dificuldades.

### 3.3.15 Mary Had a Little Lamb

Texto fonte	Tradução
<p>Mary had a little lamb,            Its fleece was white as snow;            And everywhere that Mary went,            The lamb was sure to go.</p> <p>He followed her to school one day;            That was against the rule;            It made the children laugh and play            To see a lamb at school.</p> <p>And so the teacher turned it out,            But still it lingered near,            And waited patiently about            Till Mary did appear.</p> <p>Why does the lamb love Mary so?            The eager children cry;            Why, Mary loves the lamb, you know,            The teacher did reply.</p>	<p>Mary tinha um carneirinho            Com a lã bem branquinha;            Quando ela tomava seu caminho,            Ele logo atrás vinha.</p> <p>Um dia ele foi à escola,            A seguiu sem permissão;            As crianças da escola            Riram e o pegaram na mão.</p> <p>A professora o expulsou,            Mas ele ficou bem perto,            E com paciência esperou,            Até Mary surgir, decerto.</p> <p>Por que ele tanto a ama?            Perguntaram as crianças;            Porque também a Mary o ama,            Disse a professora com confiança.</p>

Acredita-se que o poema foi escrito por Sarah Josepha Hale, e conta a história de Mary Sawyer, que, quando criança, encontrou um filhote de carneiro abandonado pela mãe na fazenda



de seu pai. Ela implorou para que ele a deixasse cuidar do animal, que virou seu animal de estimação e, um dia, a seguiu até a escola, provocando risos em seus colegas de classe.

Optamos por manter o nome da personagem por achar que Mary continuava soando bem na tradução. Utilizamos o diminutivo ao final dos dois primeiros versos para manter o sentido de “*little*”, e rimamos com um verbo e um substantivo. Na segunda estrofe, a escolha de rimas foi mais complicada. Quando pensamos em “sem permissão” como uma possibilidade para o ato contra as regras do carneirinho, ponderamos sobre a expressão “pegar na mão”, que acabamos usando para expressar o sentido de brincadeira das crianças com o animal. Em vez de repetir o sentido de ter um carneiro na escola, expresso no último verso do poema, repetimos o significado das crianças de lá, pois tivemos dificuldade em encontrar alguma palavra que rimasse com “escola” que se encaixasse no contexto.

### 3.3.16 Tom, Tom, The Piper’s Son

Texto fonte	Tradução
Tom, Tom, the piper’s son, Stole a pig, and away did run; The pig was eat And Tom was beat, And Tom went crying Down the street.	Foi o filho do flautista Que roubou um porco sem dar na vista; O porco foi assado, E o garoto espancado; Ele saiu correndo, Chorando um bocado.

Na tradução, não conseguimos encontrar uma solução adequada para o nome do personagem, então decidimos omiti-lo e acrescentar um verbo para manter a aliteração. Para rimar com “flautista”, pensamos na expressão “sem dar na vista”, que foi de certa forma uma explicitação. Invertemos o significado dos dois últimos versos e acrescentamos o sentido de o menino ter saído correndo por questão de métrica. Ainda por causa das rimas, o porco foi assado, e não comido.

## CONCLUSÃO

Este trabalho teve como objetivo traduzir algumas *nursery rhymes* de Mother Goose presentes no romance *The Librarians and the Mother Goose Chase*, priorizando o conteúdo semântico, mas sem ignorar o fato de que *nursery rhymes* são poemas. Para que essa tarefa fosse realizada, buscamos nos embasar em teorias de tradução de poesia, tradução cultural e tradução de nomes próprios.

Desde o início, essa se mostrou uma tarefa árdua e complicada, que apresentou diversas dificuldades em vários âmbitos do processo. Primeiramente, pelo próprio teor cultural das *nursery rhymes*, que é um fator muito forte nas culturas de língua inglesa. As parlendas levam uma densa carga advinda de séculos de sua utilização e conhecimento por grande parte dos falantes, por conta também das origens de sua composição.

Esse contexto histórico configura uma situação em que é preciso ter um cuidado especial com as parlendas, pois suas origens moldam seu conteúdo. No entanto, era preciso levar em conta, de maneira ainda mais significativa, o contexto do livro, em que as *nursery rhymes* embalavam a história. Durante o processo tradutório, procuramos manter esse foco semântico de maneira consistente e precisa, o que se provou um desafio.

Somado a esses fatores, nos deparamos, também, com o conteúdo formal dos textos, ou seja, a forma da poesia. Com isso em mente, buscamos teorias da tradução de poesia que nos embasassem nesse processo, bem como nos permitisse trabalhar com a abordagem já mencionada. Esses fatores poéticos foram os que mais nos apresentaram dificuldade, devido à estrutura de versos e rimas que precisavam ser mantidas ou compensadas.

Essa experiência, apesar de custosa, foi bastante enriquecedora e esclarecedora para descobrirmos mais sobre *nursery rhymes* e sobre a cultura em que estão envoltas, bem como suas origens históricas. O projeto também nos possibilitou maior contato com a poesia e com o processo de sua tradução, temas com os quais a autora não estava familiarizada previamente. Com isso, esperamos que este trabalho também seja útil para outros trabalhos desenvolvidos nessa área.

## BIBLIOGRAFIA

ADAM, J.-M. Pour lire le poème. Bruxelles: De Boeck, 1985.

ADDULAIMI, Ali Sulaimaan I. The Impact of Culture on Translation. **Journal Of Al-Frahids Arts**, n. 13, p. 2-13, 2012.

AGUILERA, Elvira Cámara. The Translation of Proper Names in Children's Literature. **Anuario de Investigación En Literatura Infantil y Juvenil**, [s. l], v. 7, n. 1, p. 47-61, 2009.

AHANIZADEH, Saeideh. Translation of Proper Names in Children's Literature. **Journal Of Language And Translation**, [s. l], v. 3, n. 1, p. 61-71, 2012.

ALCHIN, Linda. **The Secret History of Nursery Rhymes**. Surrey: Babyseen Ltd, 2013.

ÁLVARES, Luísa Benvinda Pereira. Sobre a tradução dos nomes próprios – algumas reflexões: a reflection on translation proper nouns. **Revista da Universidade de Aveiro**, [s. l], v. 2, n. 5, p. 125-137, 2016.

AMELINCKX, Andrew. The True Story Behind “Mary Had a Little Lamb”. **Modern Farmer**. Disponível em: <<https://modernfarmer.com/2017/12/true-story-behind-mary-little-lamb/>>. Acesso em: 04 fev. 2023.

APANDI, Apandi; AFIAH, Devi Siti Sihatul. An Analysis of Translation Procedure in Translating Cultural Word. **Proceedings Of The International Conference On Agriculture, Social Sciences, Education, Technology And Health (Icasseth 2019)**, [s. l], p. 71-74, 2020.

ASMARANI, Rahmanti et al. The Translation Procedures of Cultural Expressions Applied in *A Game of Thrones*. **LITE: Jurnal Bahasa, Sastra, dan Budaya**, v. 12, n. 2, p. 199-218, 2016.

BOLOGNINI, C. Z. Relações de contato: a questão da cultura. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 32, 2012. Disponível em:

<<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8639285>>. Acesso em: 17 set. 2022.

BRAÇAJ, Morena. Procedures of Translating Culture-Specific Concepts. **Mediterranean Journal Of Social Sciences**, [S.L.], v. 6, n. 1, p. 476-480, 1 jan. 2015.

BRITTO, Paulo Henriques. A tradução de letra de canção. In: PAGANINI, Carolina, e HANES, Vanessa (orgs.). **Tradução e criação: entrelaçamentos**. Campinas: Pontes Editores, 2019.

\_\_\_\_\_. **A Tradução Literária**. Primeira edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

\_\_\_\_\_. Correspondência formal e funcional em tradução poética. In: SOUZA, Marcelo Paiva de, et al. **Sob o signo de Babel: literatura e poéticas da tradução**. Vitória: PPGL/MEL / Flor&Cultura, 2006.

\_\_\_\_\_. **Tradução poética e os limites da recriação**. Trabalho apresentado na mesa redonda “Teoria da Tradução” no VIII Congresso Nacional de Lingüística e Filologia na UERJ, em agosto de 2004.

COKER, Janis. **Evolution of rhymes and fables in England through the Victorian Era: from religion to politics**. Tese (Mestrado) – Curso de História, Texas Women’s University, Denton, 1992.

COX, Greg. **The Librarians and the Mother Goose Chase**. Primeira edição. Estados Unidos: Tor Books, 2017.

GANNON, W. **Mother Goose’s Nursery Rhymes, Tales and Jingles**. Nova York: Hurst & Company, 1902.

HISTORY in Nursery Rhymes: Three Blind Mice. **Artlark**, 2021. Disponível em: <<https://artlark.org/2021/10/12/history-in-nursery-rhymes-three-blind-mice/>>. Acesso em: 19 jan. 2023.

HU, Yanping. Two Orientations in Translation from the Cultural Perspective. **Proceedings Of The 4th International Symposium On Social Science (Isss 2018)**, [s. l], p. 374-377, 2018.

I DO NOT Like Thee, Doctor Fell. **Nursery Rhymes Lyrics, Origins and History**. Disponível em: <<https://www.rhymes.org.uk/a32-i-do-not-like-thee-doctor-fell.htm>>. Acesso em: 04 fev. 2023.

IBRAHEEM, Anas Khalid. **Proper Names: Translating Reference and Application**. Disponível em: <[\(PDF\) Proper Names: Translating Reference and Application \(researchgate.net\)](#)>. Acesso em: 30 de agosto de 2022.

JALENIAUSKIENÈ, Evelina; ČIČELYTÈ, Vilma. The Strategies for Translating Proper Names in Children's Literature. **Studies About Languages**, [s. l], n. 15, p. 31-42, 2009.

KATAN, David. Culture. In: BAKER, Mona; SALDANHA, Gabriela (eds.). **Routledge encyclopedia of translation studies**. 2. ed. Nova York: Routledge, 2011, p. 70-73.

KOMISSAROV, V. N.. Language and Culture in Translation: competitors or collaborators?. **TTR**, [s. l], v. 4, n. 1, p. 33-47, 1991.

KIDD, Natalie. The Hidden History of Nursery Rhymes. **Education.com**, 2010. Disponível em: <[https://www.education.com/magazine/article/hidden\\_history\\_of\\_nursery\\_rhymes/](https://www.education.com/magazine/article/hidden_history_of_nursery_rhymes/)>. Acesso em: 04 fev. 2023.

KULELI, Mesut. Identification of translation procedures for culture specific items in a short story. **Dil Ve Dilbilimi Çalışmaları Dergisi**, [s. l], v. 15, n. 3, p. 1105-1121, 11 out. 2019.

LARANJEIRA, Mário. A tradução literária. **Miscelânea**, Assis, v. 1, p. 159-169, 1998.

\_\_\_\_\_. Sentido e significância na tradução poética. **Estudos Avançados**, v. 26, n. 76, p.29-37, 2012.

LOPES, Dalila. SOBRE A 'TRADUÇÃO' OU NÃO 'TRADUÇÃO' DE NOMES PRÓPRIOS. **Polissema – Revista de Letras do Iscap**, [s. l], n. 5, 2005.

LITTLE BOY Blue by Mother Goose. **Poem Analysis**. Disponível em: <<https://poemanalysis.com/mother-goose/little-boy-blue/#:~:text=%27Little%20Boy%20Blue%27%20was%20first,in%20Shakespeare%27s%20play%20King%20Lear>>. Acesso em: 04 fev. 2023.

LITTLE Miss Muffet. **Nursery Rhymes from Mother Goose**. Disponível em: <[https://nurseryrhymesmg.com/rhymes/little\\_miss\\_muffet.htm](https://nurseryrhymesmg.com/rhymes/little_miss_muffet.htm)>. Acesso em: 04 fev. 2023.

MANINI, Luca. Meaningful Literary Names. **The Translator**, [s. l], v. 2, n. 2, p. 161-178, nov. 1996.

MARINETTI, Cristina. Cultural approaches. **Handbook Of Translation Studies**, [s. l], p. 26-30, 21 dez. 2011.

MOTHER Goose. **Poetry Foundation**. Disponível em: <<https://www.poetryfoundation.org/poets/mother-goose>> . Acesso em: 24 de abril de 2022.

MOUND. **Collins Dictionary**. Disponível em: <<https://www.collinsdictionary.com/pt/dictionary/english/mound>>. Acesso em: 04 fev. 2023.

MUNDAY, Jeremy. **Introducing Translation Studies: Theories and Applications**. Quarta edição. Estados Unidos: Routledge, 2016.

NESHKOVSKA, Silvana; KIMOVSKA, Sonja Kitanovska. Translating culture. **Horizons**, [s. l], v. 22, p. 165-174, 20 nov. 2018.

NEWMARK, Peter. **A textbook of translation**. New York: Prentice hall, 1988.

\_\_\_\_\_. **Paragraphs on translation**. Multilingual Matters, 1993.

\_\_\_\_\_. An Approach to Translation. **Babel. Revue Internationale de La Traduction/International Journal Of Translation**, [s. l], v. 19, n. 1, p. 3-19, 1 jan. 1973.

\_\_\_\_\_. Translation and Culture. In: THELEN, Marcel; LEWANDOWKSA-TOMASZCZYK, Barbara (ed.). **Translation and Meaning part 5**. Maastricht: Universitaire Pers Maastricht, 2001, p. 327-334.

NORD, Christiane. Proper Names in Translations for Children: Alice in Wonderland as a Case in Point. **Meta**, [s. l], v. 48, n. 1-2, p. 182-196, 24 set. 2003.

OPIE, Iona; OPIE, Peter. **The Oxford Dictionary of Nursery Rhymes**. Londres: Oxford University Press, 1952.

PÅLSSON, Linda. **Translating Culture: an analysis of the cultural transfer in literary translation**. 2018. 35 f. Monografia (Especialização) – English Studies – Linguistics, Malmö University, Malmö, 2018.

PEETERS, Jean. On the translation of proper names and its implication for Translation Theory. In: THELEN, Marcel; LEWANDOWKSA-TOMASZCZYK, Barbara (ed.). **Translation and Meaning part 5**. Maastricht: Universitaire Pers Maastricht, 2001, p. 131-140.

PEREIRA, Nilce M. Nursery rhymes e a correspondência formal e funcional na tradução de poesia infantil. **Cadernos de Literatura em Tradução**, [s. l], n. 12, p. 153-172, 2011.

PETER, Peter Pumpkin Eater. **Nursery Rhymes from Mother Goose**. Disponível em: <[https://nurseryrhymesmg.com/rhymes/peter\\_peter\\_pumpkin\\_eater.htm](https://nurseryrhymesmg.com/rhymes/peter_peter_pumpkin_eater.htm)>. Acesso em: 04 fev. 2023.

POLITICAL Meaning in 18th Century Nuresry Rhymes (Part Two). **English Historical Fiction Authors**, 2012. Disponível em: <<https://englishhistoryauthors.blogspot.com/2012/04/political-meaning-in-18th-century.html>>. Acesso em: 19 jan. 2023.

PRATAMA, Ikke Dewi. MEANING AND FORM IN NURSERY RHYMES TRANSLATION. **Humanus**, [s. l], v. 16, n. 1, p. 1-12, 30 maio 2017.

PROSIC-SANTOVAC, Danijela. Versification and Language in Mother Goose Rhymes. In: FACTA UNIVERSITATIS. **Linguistics and Literature**, v. 10, n. 1, p. 1-9, 2012.

QUEIROZ, Martha Maria Romeiro de. TRADUZINDO POESIA INFANTIL: o relato de uma tradutora-aprendiz. **Tradução em Revista**, [s. l], v. 2006, n. 3, 15 dez. 2006.

QUERIDO, Alessandra Matias. **Entrelinhas e entre-línguas**: as habilidades tradutórias na formação do tradutor. 2004. Dissertação (Doutorado) – Curso de Linguística Aplicada, Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Universidade de Brasília, Brasília, 2004.

RIFFATERRE, Michael. **Sémiotique de la poésie**. Paris: Seuil, 1983.

“ROCK A Bye, Baby” – The Origin Stories. **History Daily**, 2019. Disponível em: <<https://historydaily.org/rock-a-bye-baby-the-origin-stories/5>>. Acesso em: 19 jan. 2023.

RODRÍGUEZ, Marta Maria Gutiérrez. The problem of the translation of proper names in *Harry Potter* and *The Lord of the Rings*, **Revista de Filología Inglesa**, [s. l], n. 25, p. 123-136, 2003-2004.

SCHEIDING, Catalina Millan. Nursery rhymes: pieces of the children’s literature puzzle in translation. **The Esse Messenger**, [s. l], v. 1, n. 25, p. 81-92, 2016.

SCIARONE, Bondi. PROPER NAMES AND MEANING. **Studia Linguistica**, [s. l], v. 21, n. 2, p. 73-86, dez. 1967.

SEARLE, John R. **Speech Acts**: an essay in the philosophy of language. Cambridge: Cambridge University Press, 1969.

\_\_\_\_\_. Proper Names. **Mind**, [s. l], v. 67, n. 266, p. 166-173, abr. 1958.



\_\_\_\_\_. The Problem of Proper Names. In: STEINBERG, Danny D.; JAKOBOVITS, Leon A. (ed.). **Semantics: an interdisciplinary reader in philosophy, linguistics and psychology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1971, p. 134-141.

SHCHURIK, Natalia V. The Translation of Proper Names in Folklore. **Journal Of Siberian Federal University: Humanities & Social Sciences**, [s. l], v. 4, n. 10, p. 591-597, 2017.

**SIMPLE Simon** (nursery rhyme). Disponível em: <[https://nursery-rhymes-wiki.fandom.com/wiki/Simple\\_Simon\\_\(nursery\\_rhyme\)](https://nursery-rhymes-wiki.fandom.com/wiki/Simple_Simon_(nursery_rhyme))>. Acesso em: 04 fev. 2023.

SNELL-HORNBY, Mary. **The Turns of Translation Studies: new paradigms or shifting viewpoints?**. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2006.

STURGE, Kate. Cultural translation. In: BAKER, Mona; SALDANHA, Gabriela (ed.). **Routledge Encyclopedia of Translation Studies**. 2. ed. Nova York: Routledge, 2011, p. 67-70.

SUPARDI, Moh. **Cultural translation point of view**. Disponível em: <https://repository.uinjkt.ac.id/dspace/handle/123456789/34962>. Acesso em: 21 de agosto de 2022.

TALES FROM the Nursery – Part Twenty Four. **Window Through Time**, 2015. Disponível em: <<https://windowthroughtime.wordpress.com/tag/origin-of-wee-willie-winkie/>>. Acesso em: 04 fev. 2023.

TEARLE, Oliver. A Short Analysis of the ‘Hickory Dickory Dockery’ Nursery Rhyme. **Interesting Literature**. Disponível em: <<https://interestingliterature.com/2018/09/a-short-analysis-of-the-hickory-dickory-dock-nursery-rhyme-history-origins/>>. Acesso em: 04 fev. 2023.

\_\_\_\_\_. A Short Analysis of the ‘Little Bo-Peep’ Nursery Rhyme. **Interesting Literature**. Disponível em: <<https://interestingliterature.com/2018/10/a-short-analysis-of-the-little-bo-peep-nursery-rhyme-origins-history/>>. Acesso em: 04 fev. 2023.

\_\_\_\_\_. A Short Analysis of the ‘Sing a Song of Sixpence’ Nursery Rhyme. **Interesting Literature**. Disponível em: <<https://interestingliterature.com/2018/10/a-short-analysis-of-the-sing-a-song-of-sixpence-nursery-rhyme-origins-history/>>. Acesso em: 04 fev. 2023.

THE HISTORY and Origins of Nursery Rhymes in Britain. **Historic UK**. Disponível em: <<https://www.historic-uk.com/CultureUK/More-Nursery-Rhymes/>>. Acesso em: 19 jan. 2023.

THE HISTORY of Tweedledum and Tweedledee. **Poem Analysis**. Disponível em: <<https://poemanalysis.com/lewis-carroll/tweedledum-and-tweedledee-history/>>. Acesso em: 04 fev. 2023.

THE LION and the Unicorn Rhyme. **Nursery Rhyme & History**. Disponível em: <[https://www.rhymes.org.uk/the\\_lion\\_and\\_the\\_unicorn.htm](https://www.rhymes.org.uk/the_lion_and_the_unicorn.htm)>. Acesso em: 19 jan. 2023.

**THE QUEEN of Hearts** (poem). Disponível em: <[https://nursery-rhymes-wiki.fandom.com/wiki/The\\_Queen\\_of\\_Hearts\\_\(poem\)](https://nursery-rhymes-wiki.fandom.com/wiki/The_Queen_of_Hearts_(poem))>. Acesso em: 04 fev. 2023.

THERE WAS a Crooked Man. **Nursery Rhyme & History**. Disponível em: <[https://www.rhymes.org.uk/there\\_was\\_a-crooked\\_man.htm](https://www.rhymes.org.uk/there_was_a-crooked_man.htm)>. Acesso em: 19 jan. 2023.

THERE WAS an Old Woman Who Lived in a Shoe. **Nursery Rhymes from Mother Goose**. Disponível em: <[https://nurseryrhymesmg.com/rhymes/there\\_was\\_an\\_old\\_woman\\_who\\_lived\\_in\\_a\\_shoe.htm](https://nurseryrhymesmg.com/rhymes/there_was_an_old_woman_who_lived_in_a_shoe.htm)>. Acesso em: 19 jan. 2023.

**THREE Little Kittens**. Disponível em: <[https://nursery-rhymes-wiki.fandom.com/wiki/Three\\_Little\\_Kittens](https://nursery-rhymes-wiki.fandom.com/wiki/Three_Little_Kittens)>. Acesso em: 04 fev. 2023.

THREE Wise Men of Gotham. **All Nursery Rhymes**. Disponível em: <<https://allnurseryrhymes.com/three-wise-men-of-gotham/>>. Acesso em: 04 fev. 2023.

TUFFET. **Collins Dictionary**. Disponível em: <https://www.collinsdictionary.com/pt/dictionary/english/tuffet>>. Acesso em: 04 fev. 2023.

VENUTI, Lawrence. **The Translator's Invisibility**. Londres: Routledge, 1995.

VERMES, Albert Péter. **Proper Names in Translation: a relevance-theoretic analysis**. 2001. Tese (Doutorado) – Curso de Linguística, Universidade de Debrecen, Debrecen, 2001.

\_\_\_\_\_. Proper Names in Translation: an explanatory attempt. **Across Languages And Cultures**, [s. l], v. 4, n. 1, p. 89-108, 2003.

WANG, Fade. An Approach to Domestication and Foreignization from the Angle of Cultural Factors Translation. **Theory And Practice In Language Studies**, [s. l], v. 4, n. 11, p. 2423-2427, 1 nov. 2014.

WANG, Jiaqi; CAO, Shuo. A Translation Analysis of Nursery Rhymes in the English Version of *The Straw House* Based on Relevance Theory: A Cognitive Approach. **Studies in Literature and Language**, [s. l], v. 22, n. 3, p. 23-33, 26 jun. 2021.

WHAT IS The Story Behind Hickory Dickory Dockery? **Sporcle Blog**, 2020. Disponível em: <https://www.sporcle.com/blog/2020/02/what-is-the-story-behind-hickory-dickory-dock/>>. Acesso em: 04 fev. 2023.

YAN, Chen; HUANG, Jingjing. The Culture Turn in Translation Studies. **Open Journal Of Modern Linguistics**, [s. l], v. 04, n. 04, p. 487-494, 2014.

YANG, Wenfen. Brief Study on Domestication and Foreignization in Translation. **Journal Of Language Teaching And Research**, [s. l], v. 1, n. 1, p. 77-80, 1 jan. 2010.

ZAREI, Rouhollah; NOROUZI, Somayeh. Proper Nouns in Translation: should they be translated?. **International Journal Of Applied Linguistics & English Literature**, [s. l], v. 3, n. 6, p. 152-161, 2014.